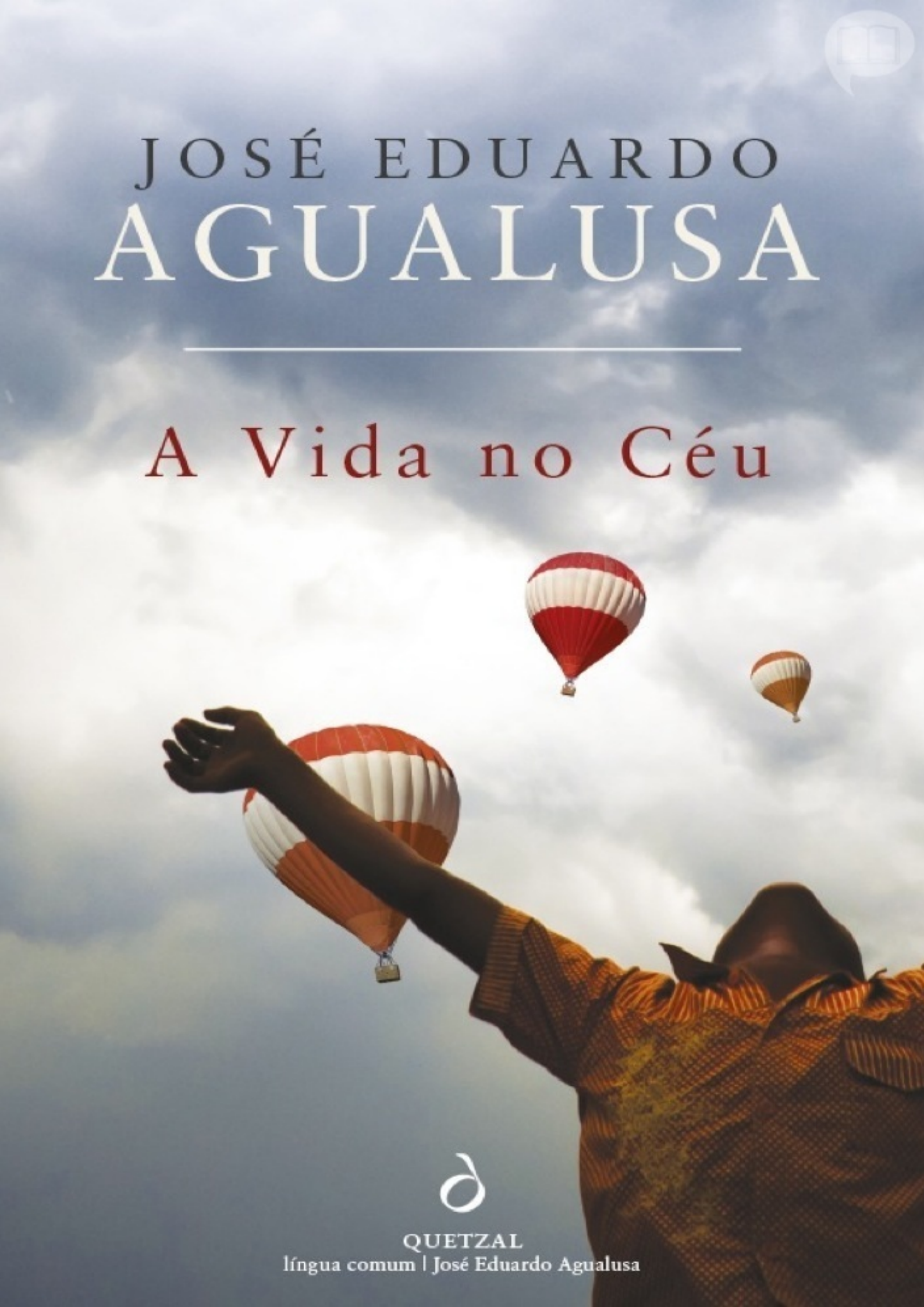
JOSÉ EDUARDO

AGUALUSA

A Vida no Céu



QUETZAL
língua comum | José Eduardo Agualusa

Depois que o mundo acabou fomos para o céu. Assim começa este romance. Na sequência de um desastre de proporções bíblicas – o Dilúvio -, os ricos das grandes cidades constroem enormes dirigíveis e vão viver para o céu. Os pobres improvisam balões, que prendem uns aos outros, ligados a redes, formando imensas aldeias flutuantes. Carlos Tucano nasce numa destas aldeias. É, portanto, um filho do céu. Esta é a sua história. Carlos deixa a aldeia onde nasceu e parte à procura do pai, desaparecido numa tempestade. Ao longo desta peregrinação, vai-nos dando a ver a vida no céu, com os seus prodígios, os seus mistérios, e também os seus desacertos, ao mesmo tempo que estabelece ligações com toda uma galeria de personagens extraordinários – uma curandeira e sonhadora profissional sul-africana, um pirata indonésio arrependido, um navegador solitário cego, além de uma jovem adolescente rebelde, Aimeé, que conhece no mais belo dirigível do mundo – o Paris. Segundo o dicionário dos Nefelibatas, incluído no livro, as nuvens (água em estado onírico) são o alfabeto do céu. Este romance ajuda-nos a decifrá-las.

© Pedro Loureiro

José Eduardo Agualusa nasceu na cidade do Huambo, em Angola, a 13 de dezembro de 1960. Estudou Agronomia e Silvicultura em Lisboa. Publicou dez romances: *A Conjura* (1988), *Estação das Chuvas* (1997), *Nação Crioula* (1998), *Um Estranho em Goa* (2000), *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* (2002), *O Vendedor de Passados* (2004), *As Mulheres do Meu Pai* (2007), *Barroco Tropical* (2009), *Milagrário Pessoal* (2010) e *Teoria Geral do Esquecimento* (2012). Publicou ainda quatro recolhas de contos (*Fronteiras Perdidas*, 1999, *Catálogo de Sombras*, 2003, *Passageiros em Trânsito*, 2006, e *A Educação Sentimental dos Pássaros*, 2012), um volume de poesia, *Coração dos Bosques* (1980), e cinco livros para crianças: *Estranhões e Bizarrocos* (2000, com ilustrações de Henrique Cayatte), *A Girafa que Comia Estrelas* (2005, com ilustrações de Henrique Cayatte), *O Filho do Vento* (2006, com ilustrações do artista plástico angolano António Ole), *Nweti e o Mar* (2011, com fotografias do autor) e *A Rainha dos Estapafúrdios* (2012). Com os jornalistas Fernando Semedo e Elza Rocha, publicou uma grande reportagem sobre a comunidade africana em Lisboa, com o título *Lisboa Africana* (1993). Os seus livros estão traduzidos em 25 línguas. *O Vendedor de Passados* foi adaptado para cinema pelo realizador brasileiro Lula Buarque de Hollanda (Conspiração Filmes). *Nação Crioula* está a ser adaptado ao cinema pelo realizador brasileiro Andrucha Waddington (Conspiração Filmes). Escreveu quatro peças para teatro: *Geração W*, *Chovem Amores na Rua do Matador*, *A Caixa Negra* (estas duas em colaboração com Mia Couto) e *Aquela Mulher*. Em 2007, a tradução inglesa de *O Vendedor de Passados* foi distinguida com o Prémio Independent para a melhor ficção estrangeira.

Na alegre língua dos nefelibatas, a palavra sonho – ou melhor, a gargalhada que significa sonho – é a mesma que significa vida.

– Han-Li, em *Segredos dos Nefelibatas*

(...) Um índio descerá de uma estrela colorida e brilhante,
(...)
e pousará no coração do hemisfério sul, na América, num claro instante.
Depois de exterminada a última nação indígena,
e o espírito dos pássaros, das fontes, de água límpida.
Mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias.
(...)
Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico.
Do objeto, sim, resplandecente descerá o índio.
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará, não sei dizer assim de um modo explícito.
(...)
E aquilo que nesse momento se revelará aos povos surpreenderá a todos, não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio.

– «Um Índio», canção de Caetano Veloso

Primeiro capítulo

*(**Céu**: todo o território onde a vida é mais leve do que o ar. Para os mais velhos, um lugar desprovido de passado, como existir o canto de uma ave, sem que exista a ave. O lugar para onde ascendem os sonhos, inclusive os maus.)*

DEPOIS QUE O MUNDO ACABOU FOMOS PARA O CÉU.

O grande desastre – o Dilúvio – aconteceu há mais de trinta anos. O mar cresceu e engoliu a terra. A temperatura à superfície tornou-se intolerável. Em poucos meses fabricaram-se centenas de enormes dirigíveis. Entre os maiores estão o Xangai, com cinquenta mil habitantes, e o New York, o São Paulo e o Tokio, cada qual com vinte mil. As famílias mais pobres, sem meios para comprar apartamentos nessas cidades flutuantes, construíram balões, a que chamamos balsas, muitos deles rudimentares.

Apenas um por cento da humanidade conseguiu ascender aos céus, escapando do inferno, lá em baixo. Uns seis milhões de navegantes. A maioria das balsas resistiu, infelizmente, pouco tempo. Caíram. Afundaram-se no mar. Dez anos depois do Dilúvio já só permaneciam entre as nuvens uns dois milhões de pessoas.

Os balseiros arquitetaram aldeias suspensas, ligando os balões uns aos outros através de redes de cabos fosforescentes, que brilham à noite, e de intrincadas pontes de cordas.

Também se construíram dezenas de grandes navios-cidade. Obter a energia necessária para manter uma temperatura suportável no interior dessas cidades foi sempre um problema. A degradação das condições levou a tumultos. Bandos de marginais tomaram o controlo dos navios, hoje em ruínas, à deriva, embora em alguns deles (segundo se diz) ainda resistam uma meia dúzia de sobreviventes.

Chamo-me Carlos Benjamim Tucano, e nasci há dezasseis anos, numa aldeia, Luanda, que junta mais de trezentas balsas. No conjunto, ocupa uma área bastante vasta. Aldeias grandes são lentas e difíceis de manobrar. Uma balsa isolada, embora menos rápida que um dirigível, consegue evitar tempestades, correndo à frente das nuvens.

O meu pai, Júlio Tucano, desapareceu durante um temporal. Caiu enquanto tentava socorrer uma balsa, incendiada por um raio. Mal o céu serenou, pedimos auxílio a um balão-pesqueiro, o Paraty, na esperança, um tanto absurda, de que tivesse escapado vivo à queda.

A família Paraty pesca à linha, com rede e mergulhando. Em qualquer dos

casos são forçados a descer a balsa até escassos metros das águas. Mergulham atados a cordas. Muitas espécies de peixes não sobreviveram ao aumento de temperatura e à crescente acidez dos oceanos. Entre os peixes que resistiram estão os tubarões. A população de tubarões aumentou muito. O calor é o primeiro perigo que os pescadores-mergulhadores enfrentam. À superfície da água o ar torna-se quase irrespirável. Durante o dia, o mar fica coberto por uma névoa densa. A reduzida visibilidade é, portanto, o segundo perigo. Muitos pescadores embatem, ao saltarem, contra detritos flutuantes. O terceiro perigo – evidentemente – são os tubarões.

Os pescadores sobrevoaram o mar durante vários dias e não encontraram sinais do meu pai. Em Luanda, todos se convenceram de que morrera na queda – o mais provável. E se não na queda, logo depois, afogado, ou sufocado, ou comido por tubarões.

Todos, menos eu:

– O pai não morreu – disse à minha mãe. – Deixa-me ir à procura dele. O pai tem mais vidas do que um gato.

Eu conhecia a expressão, mas na verdade nunca vira um gato. Os ricos, nos dirigíveis, criam gatos e cães. Nas balsas, porém, isso é impossível. Não há comida suficiente. Despedi-me da família e dos amigos e transformei-me num navegador solitário. A Maianga é um balão com três andares, muito elegante. Na terra, o meu pai era arquiteto. Foi ele quem desenhou a nossa balsa. Júlio nasceu em São Gabriel da Cachoeira, uma pequena cidade no norte da Amazónia, mas cresceu no Rio de Janeiro. Após concluir o curso deslocou-se a Angola, para colaborar no desenho de uma nova cidade, e aí conheceu a minha mãe, Georgina, bibliotecária. Nunca mais saiu de Luanda. Ou melhor, saiu de Luanda, na terra, para a Luanda, no céu, sempre na companhia da minha mãe.

Os grandes dirigíveis evitam o mau tempo. Raramente enfrentam as quatro estações – muito menos tempestades. Flutuam plácidos e indiferentes, seguindo o sol do verão, ao longo de uma rota conhecida como a Estrada das Luzes. É um nome apropriado. O esplendor das grandes cidades chega, ao longo dessa rota, a desafiar o brilho das estrelas.

Pesquisando na Internet as rotas dos grandes dirigíveis, descobri que um deles, o Paris, se afastara da Estrada das Luzes, passando muito próximo da nossa aldeia durante a tempestade. O mais estranho é que passara não acima

da tempestade, para escapar à turbulência, como é regra, mas uma centena de metros por baixo de nós.

Aimée Longuet, catorze anos, uma das minhas amigas virtuais – amiga do Facebook – vivia no Paris. Nascera lá. É uma rapariga loira, com um sorriso resplandecente e uma coleção de chapéus extravagantes, que ela própria desenha e fabrica. Entrei no Facebook e interroguei-a sobre a tempestade. Lembrava-se muito bem. Nunca vira nada assim. O dirigível sofrera uma avaria muito grave, perdera a rota e fora forçado a descer.

– Apanhámos um enorme susto – contou-me Aimée. – Fazia tanto calor nas varandas que ninguém conseguia ficar lá por mais de cinco minutos. Por outro lado achei fantástico. Uma aventura.

Para os ricos, qualquer contrariedade é uma aventura. Três semanas após ter deixado Luanda, avistei ao longe, deslizando de encontro a um crepúsculo selvagem, uma imensa jamanta prateada. Era Paris, o mais belo zepelim do mundo. Alcancei-o em dois dias. Circundei-o, fascinado. Requeri autorização para atracar. Perguntei se poderia fazer uma visita. A maioria dos grandes dirigíveis cobra um visto de entrada, bastante caro, por uma permanência de poucas horas. Passageiros clandestinos são perseguidos e expulsos. Muitas vezes (é o que se diz) limitam-se a atirá-los borda fora. Tive sorte. Havia uma vaga na cozinha. Pagavam muito pouco. Em contrapartida, permitiam-me aceder, nas horas livres, a alguns dos equipamentos públicos, incluindo a piscina, de cinquenta metros, discotecas e bares. Além disso havia a comida. Iguarias de que apenas ouvira falar, em Luanda, nas longas noites de conversa, quando os mais velhos se sentavam a recordar os anos vividos na terra. Os meus amigos ricos, amigos virtuais, claro, nados e criados em zepelins dourados, gostavam de me atormentar filmando-se a si próprios enquanto jantavam pato com laranja ou saboreavam barras de chocolate produzidas com cacau legítimo. Foi no Paris que provei pela primeira vez leite, iogurte e carne de vaca. Ah, e a fruta. Sim, os parisienses cultivam pomares: maçãs, nêsperas, cerejas. Lá fora, nas nuvens, um homem pode matar por uma maçã fresca. Cerejas, por exemplo, eu nem sabia que existiam.

Aimée foi esperar-me ao aeroporto. Ancorei a Maianga, ao lado de outras balsas, a maioria em muito mau estado. Achei a minha amiga muito alta para a idade, embora não tão alta quanto aparentava no ecrã do computador. A

realidade diminui as pessoas. Nas semanas seguintes, Aimée mostrou-me tudo o que era possível visitar. O que mais me impressionou foi a piscina. Entrei na água, aterrorizado, aturdido, pois nunca vira nada semelhante. Havia o mar, lá muito em baixo, uma irrealidade paralela. O mar era o assombro, afundado em nuvens, para onde lançávamos os mortos. A piscina do Paris tem fundo transparente. Mergulhar nela é como saltar para o abismo sem a segurança de um bom cabo. Aimée ensinou-me a nadar.

– Primeiro tens de te esquecer – disse-me. – O bom nadador é aquele que se esquece.

A seguir ensinou-me a nadar debaixo da água. A maioria das pessoas enche os pulmões quando mergulha. O mergulhador experiente, pelo contrário, esvazia-os. Para nadar debaixo da água é preciso deixar à superfície o ar e os pensamentos. Ambos atrapalham.

Nas cozinhas havia sempre muito que fazer. Descascava batatas, lavava pratos, varria o chão. Nunca me conseguia deitar antes das duas da manhã. Regressava exausto à velha balsa, deixava-me cair na cama e adormecia.

Fiz amizade com um dos cozinheiros, Manu Akendengue, um tipo alto, atlético, de uma agilidade surpreendente para a idade. Manu nasceu na terra, em França, numa cidade chamada Marselha. Talvez flutue ainda em algum lugar uma balsa, ou um pequeno dirigível, chamada Marselha. Os países desapareceram, mas as cidades continuam a existir. O que se passa é que agora viajam. A toponímia tornou-se móvel.

Manu Akendengue inscreveu-se para trabalhar no Paris juntamente com muitos milhares de candidatos, entre os quais alguns dos chefes mais famosos de França. Além de excelente cozinheiro, Manu toca saxofone e é um mecânico de mão cheia. Em jovem foi lutador de boxe. No Paris, todos os trabalhadores contratados na terra, incluindo o pessoal da limpeza, possuem múltiplas aptidões. Manu cozinha, toca saxofone numa das bandas mais populares do Paris, a Les Anges Jazz Band, e presta assistência na casa das máquinas. Foi ele quem me falou pela primeira vez num misterioso passageiro clandestino, que teria surgido de repente, vindo do nada, e cujo verdadeiro nome ninguém sabia. Falavam dele em voz baixa. Chamavam-lhe *O Voador* e mantinham-no escondido para que a polícia o não expulsasse.

– Quero conhecê-lo. Onde está?

Manu debruçou-se sobre mim, num sopro:

– Calma. Não sei onde está. Nem sequer sei se realmente existe. As pessoas inventam muito. Querem acreditar em alguma coisa, para além desta realidade tão difícil.

– Difícil? – exaltei-me. – Difícil é a vida lá fora, nas balsas.

O cozinheiro sorriu, tentando acalmar-me:

– Imagino que sim. O que quero dizer é que as pessoas têm necessidade de acreditar em profetas. Esse homem aparenta ser uma espécie de profeta. Sonha alto. Fala a dormir. As pessoas fazem-lhe perguntas enquanto ele dorme, e o homem responde. Ao que parece adivinha coisas.

– Adivinha coisas? Que coisas?

O cozinheiro encolheu os vastos ombros. Voltou a atenção para o guisado de algas com queijo de cabra, um dos seus pratos mais requisitados:

– Não sei ao certo, garoto. Nunca vi o homem. Dizem que adivinha coisas, como por exemplo o estado do tempo daqui a uma semana. Quem ganhará o Campeonato do Mundo. São os rumores que correm. Como te disse antes, talvez seja tudo imaginação do povo.

Passaram-se dias. Uma noite acordei de supetão. Aimée estava diante de mim, linda, com um vestido de seda muito leve, estampado com orquídeas amarelas, e ria às gargalhadas:

– Vem! Quero mostrar-te uma coisa.

Arrastou-me pela mão até ao Piso Zero. A piscina do Paris encerra às 22h00. Entre muitas outras habilidades curiosas, Aimée sabe abrir fechaduras. Qualquer fechadura, eletrónica ou mecânica. Entrámos. A água brilhava, iluminada pela luz do luar. Estava uma noite de verão, sem nuvens, límpida e lisa como um cristal. Estrelas brilhavam na imensidão.

– Despe-te! – ordenou Aimée.

Hesitei:

– O que acontece se nos encontram aqui?

A minha amiga voltou-se. Soltara o vestido. A pele, muito branca, parecia azul. Os olhos, azulíssimos, estavam quase transparentes. Sorriu trocista:

– A ti expulsam-te. Talvez te atirem ao mar. Serás comido por tubarões. A mim castigam-me. Fico seis meses a trabalhar nas cozinhas.

Mergulhou e eu segui-a. Foi nesse momento que me apaixonei. Não me apercebi disso na altura, da mesma forma que um homem picado por um

mosquito não se apercebe de que contraiu malária a não ser dias mais tarde, quando sente febre e frio ao mesmo tempo, e uma angústia sem fim, uma vontade de dormir e de sonhar.

Saímos da água, e Aimée voltou a vestir-se. O vestido molhado colava-se-lhe à pele, as orquídeas fazendo-se transparentes, de tal forma que me parecia mais nua com ele do que sem nada. Abracei-a. Ficámos longos minutos sentados, junto à piscina, contemplando as estrelas. Lembrei-me da história que me contara o cozinheiro:

– Ouviste falar num passageiro clandestino, a quem chamam *O Voador?*

Os olhos de Aimée iluminaram-se. Ela gostava de mistérios, e aquele parecia-lhe muito bom:

– Volta e meia surgem rumores sobre passageiros clandestinos. Pessoas estranhas que chegam aqui vindas de lugar nenhum. Lembro-me, era criança, da história de duas gémeas contorcionistas, que teriam entrado clandestinamente na mala de um mágico voador. Também escutei muitas histórias sobre balões-fantasmas. Gosto dessas histórias, embora não acredite nelas.

– E se fôssemos à procura d' *O Voador?*

Aimée fitou-me atentamente. Tinha os olhos húmidos:

– Achas que pode ser o teu pai?

A argúcia dela surpreendeu-me. Sim, quando Manu me falou no misterioso viajante pensei logo que poderia ser o meu pai. Como me alertara o cozinheiro, os habitantes do Paris acreditavam em milagres. Queriam acreditar. Eu não era muito diferente deles. Queria acreditar que o meu pai continuava vivo. Ao mesmo tempo, não o reconhecia na descrição de um profeta sonâmbulo:

– O meu pai nunca falou a dormir. Muito menos para adivinhar o que quer que fosse. Não pode ser ele.

Aimée não desanimou:

– Só saberemos se é o teu pai quando o encontrarmos. Vamos procurá-lo.

Na noite seguinte, ao sair das cozinhas, encontrei Aimée à minha espera. Vestia umas calças de ganga muito usadas e um casaco do mesmo tecido, rasgado nos cotovelos. Trazia uma pequena mochila às costas.

– Vim preparada. Trouxe lanternas e material que me permite abrir qualquer porta. Também trouxe água e sanduíches de atum. Espero que

gostes.

Muitos dos meus colegas dormem em casernas, nos escuros e abafados labirintos que se enrolam, como raízes teimosas, em redor da casa das máquinas. Perguntei a Leo, um rapaz calado, de espessa cabeleira negra, que costumava trabalhar comigo, a lavar pratos, se o podíamos acompanhar. Limitou-se a acenar que sim com a cabeça, indiferente. Ninguém nos prestou muita atenção. À medida que avançávamos a escuridão parecia aumentar. Vimos um casal, com dois filhos pequenos, a preparar alguma coisa para comer. Famílias são raras, ali. A maioria dos trabalhadores chegam até ao Paris numa balsa frágil, sozinhos, desesperados, dispostos a aceitar qualquer trabalho, desde que lhes assegurem um chão para dormir e uma refeição por dia. Somos escravos, sim, todos nós. Ao contrário de mim, porém, que posso partir quando quiser, pois disponho de uma balsa sólida, a maioria dos imigrantes não tem alternativa. Isso explica a apatia. Não só não protestam, não se revoltam com a sua condição, como não toleram aqueles que protestam. Uma ocasião, na cozinha, insurgi-me contra um ajudante de cozinheiro, depois de o ver esbofetear uma menina de doze ou treze anos, recém-chegada ao Paris. Para minha surpresa, a ofendida voltou-se contra mim:

– Foi culpa minha – gritou. – Não preciso de que me defendas.

Contei o episódio a Aimée. Olhou-me chocada:

– Nós não sabemos como vivem os pobres. Acho que preferimos não saber.

Leo levou-nos até um pequeno corredor. Havia colchões estendidos no chão. Roupas penduradas em varais.

– Moro aqui. Nunca fui mais além.

– O que há além?

Leo encarou-nos, irritado:

– Não sei: a escuridão.

Perguntei-lhe se ouvira falar num homem a quem chamavam *O Voador*. Encarou-nos assustado:

– Não ouvi nada. Não ouço nada. Não quero problemas com a polícia!

Nesse momento vimos emergir da sombra uma mulher magérrima, vestida com uma espécie de bubu africano, como os que a minha mãe por vezes usa, mas inteiramente negro. Reparei num pequeno sinal, ou numa tatuagem, em

forma de meia-lua, ornando-lhe a testa, o qual a tornava, não sei bem porquê, um pouco mais inquietante.

– *O Voador?!* Eu vi-o.

Leo sacudiu as mãos à frente dela, como quem enxota uma mosca:

– Louca! Louca! Não acreditem no que diz.

– Vi-o! – insistiu a mulher. – Um homem bonito. Tem o braço ao peito. Partiu o braço ao cair.

Senti que o meu coração parava:

– Partiu o braço ao cair?

– Sim. Caiu nas redes de proteção, numa asa-delta. É o que dizem.

– Falaste com ele?

– Falei, enquanto ele dormia. Disse-me que um dia voltarei a pisar terra.

– De onde és tu?

– Nasci numa cidade chamada Durban, na África do Sul.

– A minha mãe também é africana! – retorqui, entusiasmado com a coincidência. – Angola ficava na África Austral.

– Sei muito bem onde ficava Angola. E sei onde está hoje: debaixo d'água. Vocês, os filhos do ar, não fazem a menor ideia de como a terra era bonita.

Aimée encarou-a, aborrecida:

– Vemos os filmes. Sabemos muito bem como era a vida na terra.

A mulher riu, trocista:

– Os filmes! Sabes a que cheirava a savana após a chuva?! Sabes o que é correr livremente, sem nunca tropeçar em paredes? Podes dizer-me a que sabe uma manga colhida dos ramos mais altos de uma mangueira? Sabes sequer o que é uma mangueira?

– Esse tempo passou.

– Todos os tempos passarão. O teu também passará.

– O meu tempo nasce todos os dias, sempre novo.

– Pode ser. Mas eu ainda prefiro o meu tempo morto, a este teu tempo novo. Eu era livre, lá na terra, podia ir para onde quisesse. Aqui, no céu, somos todos prisioneiros, ricos e pobres.

– É verdade – concordei. – Também acho que a maioria das pessoas aqui no Paris, como noutros grandes dirigíveis, vivem aprisionadas. Há exceções. Eu, por exemplo, tenho a minha balsa. Quando quiser, quando estiver farto

de estar aqui, vou-me embora. O céu inteiro é meu, e o céu não tem paredes.

A mulher voltou-se para mim, subitamente alerta:

– É verdade, isso? Tens uma balsa em boas condições de navegação?

– Em excelentes condições.

Ela estendeu-me a mão:

– Chamo-me Sibongile, mas podes chamar-me Bongi. Sou sangoma.

– Sangoma?

– Curandeira, se quiseres. Na terra sabia tratar algumas doenças mais comuns recorrendo apenas a ervas e raízes. Aqui não tenho ervas, muito menos raízes. Então trato doenças da alma, que, aliás, são quase todas. Também adivinho o futuro, como esse homem a quem chamam *O Voador*. Querem conhecê-lo?

Assenti, tentando controlar a ansiedade:

– Claro. Podes levar-nos até ele?

– Posso, mas com uma condição.

– Que condição?

– Um dia destes quero que me leves a um lugar, na tua balsa.

– Que lugar?

– A um lugar. Não te posso dizer agora.

Ia para retorquir que no céu não existem lugares. No céu tudo está sempre em movimento. Calei-me. Naquela altura eu teria aceitado qualquer coisa contando que Sibongile nos levasse ao *Voador*. Disse-lhe que sim, e voltámos a apertar as mãos. Deixámos Leo, atónito, a olhar para nós, e mergulhámos na sombra.

Segundo capítulo

*(**Viagem**: todo o movimento de aproximação de uma pessoa a outra. Movimentos de fuga não são viagens.)*

EM MENINO FUI PATINADOR. Chamam-se patinadores aos jovens que despem o arnês para melhor deslizarem, com patins de rolamentos, sobre os cabos de aço. É um divertimento perigoso. Uma irresponsabilidade. Os patinadores, se descobertos, costumam ser severamente punidos. Na minha aldeia, em Luanda, esperávamos que os adultos estivessem a dormir para nos reunirmos junto ao Jango, uma construção redonda, no centro da rede, à sombra da qual os mais velhos discutem assuntos importantes da comunidade. As redes e os cabos de aço, pintados com tinta fosforescente – vermelhos, os cabos, amarelas, as redes – brilhavam na escuridão. Dir-se-iam concebidas para capturar estrelas. Acreditem: não existe emoção comparável à de deslizar sobre um cabo de aço, numa noite estrelada, dois ou três quilómetros acima do nível do mar.

Todos nós, os filhos do céu, nascidos e criados em aldeias suspensas, somos, por adestramento e por paixão, grandes funâmbulos. Recordo-me, em criança, de ter visto velhos filmes sobre circos famosos. Os animais fascinavam-nos, em especial os elefantes e os leões. Ríamos com os palhaços. Os ilusionistas deixavam-nos de boca aberta. Os equilibristas, porém, apenas nos entediavam. Passear num arame a quinze metros de altura? Grande coisa! Aos nove anos já eu era capaz de dar um salto mortal sobre um cabo afundado entre as nuvens. Praticávamos esgrima e capoeira nos cabos. Líamos, ao sol, deitados sobre eles, embora sempre presos por um arnês. Aconteceu-me muitas vezes adormecer e cair, e ficar ali, suspenso, a rir às gargalhadas, até alguém me vir buscar.

Fui sempre muito ligado ao meu primo Luan Benjamim, filho de Ismael, o irmão caçula da minha mãe. Luan era um garoto bravio, com um sorriso ensolarado e uma coragem que, naquela idade, facilmente se confundia com insensatez. Uma noite em que patinávamos os dois, ele à minha frente, vi-o tropeçar e cair. Com a mão direita agarrou o cabo e ficou suspenso, em silêncio, enquanto as estrelas giravam à nossa volta. Corri para o ajudar. Segurei-o pelo braço, num desespero, as unhas rasgando-lhe a carne. Ainda hoje, nos meus piores pesadelos, volto a ver o lume dos olhos dele, muito abertos. Fui recuando, devagar, até à segurança da rede – e puxei-o. Luan

abraçou-se a mim a tremer. Depois dessa noite não voltei a patinar sem arnês. Sabemos que crescemos quando começamos a temer a morte.

As aldeias especializaram-se em diferentes atividades. Existem comunidades compostas por dezenas de balsas pesqueiras. Geralmente as balsas soltam amarras, baixam e regressam. Pode acontecer, quando as condições meteorológicas são muito favoráveis, céu limpo e abrupta queda de temperatura, que a povoação inteira desça até poucos metros do mar e os pescadores trabalhem em conjunto. As aldeias de pescadores, ao contrário das balsas pesqueiras autónomas, tendem a manter-se em rotas fixas.

Encontram-se também muitas aldeias-oficina, a que os balseiros recorrem sempre que têm problemas. Até mesmo os grandes dirigíveis necessitam dos serviços destas aldeias, sobretudo para conseguirem determinadas peças para os motores, o que justifica a prosperidade de algumas. Conheci aldeias-oficina, como Manila ou Marraquexe, tão vastas e luxuosas quanto alguns dos maiores dirigíveis. Há ainda aldeias especializadas em telecomunicações, como a da Apple ou a do Facebook, e outras que funcionam como postos abastecedores de hélio e de petróleo. Há aldeias que apenas fabricam balsas, ou componentes para balsas, e outras que produzem sapatos. Há aldeias-casino, aldeias-restaurante e aldeias de entretenimento, especializadas na produção de grandes festas. Há mesmo uma aldeia enorme, Nairobi, onde funciona uma espécie de jardim zoológico, com animais selvagens. Têm poucos herbívoros, pois custa muito mais alimentar uma zebra ou uma girafa do que um leão.

A nossa aldeia, Luanda, deve ser a única, em todo o céu, a vender e a alugar livros. Luanda é uma aldeia-biblioteca. Tudo começou pelo facto de a minha mãe, Georgina, ser a diretora da Biblioteca Nacional, em Luanda, na altura do grande desastre. Partiu dela a ideia de encher uma balsa com livros em papel. Teve de lutar para convencer o meu pai a reservar uma balsa unicamente para esse fim. Georgina conseguiu também trazer para o céu vários computadores carregados com livros eletrónicos. Ao fim dos primeiros meses, esgotados os mantimentos, os luandenses compreenderam que poderiam subsistir, até com algum lucro, alugando livros. Nos anos seguintes, fomos enriquecendo a biblioteca em muitas centenas de títulos, comprando a outras aldeias livros eletrónicos e em papel. Alguns foram-nos trazidos por mergulhadores-coletores, aventureiros que arriscam a vida

vasculhando detritos à superfície da água. Os mais afortunados encontram contentores à deriva, por vezes embarcações abandonadas, do interior das quais resgatam máquinas, material de construção, tecidos, madeira, joias – e livros.

Em Luanda, a vida da maioria das pessoas circula em redor dos livros. Temos os restauradores, que cosem lombadas, reparam rasgões, fabricam capas em couro; os impressores, responsáveis por novas edições, muito artesanais, com tiragens reduzidas; os digitalizadores, que digitalizam os livros em papel e os colocam depois à venda na rede. Os bibliotecários, os informáticos, os contabilistas e os pesquisadores. A estes últimos cabe a missão de encontrar e adquirir novos livros. Invejo-os. Sempre quis ser pesquisador. A minha mãe coordena este pequeno mundo. É a bibliotecária-chefe.

Muitas pessoas desembarcam em Luanda à procura de livros em papel. Podem lê-los no Jango, que dispõe de dezenas de redes de dormir presas às colunas, ou em qualquer dos outros quinze pequenos postos de leitura. A maioria dos visitantes são leitores habituais. Alugam umas dezenas de livros e retornam de tantos em tantos meses para a troca. Há os que preferem ler ali, por preços muito mais acessíveis. Alguns não veem um livro em papel desde que se refugiaram nas nuvens. Acariciam as capas, cheiram as folhas com deleite. Depois estendem-se numa das redes, a ler, enquanto as araras esvoaçam em redor.

Falei-vos nas araras?

Em Luanda vive uma grande colónia de araras verdes. Quando o mundo acabou, e nos instalámos no céu, muitas aves conseguiram sobreviver nidificando nos balões e nas redes. Para nós, as aves são sagradas. Ninguém toca num ninho. Protegemos os ninhos e damos de comer às aves, mesmo nas épocas de maior carência. Buda, contam, estava um dia tão concentrado, a meditar, que um passarinho fez ninho na sua cabeça. Com os meus pais passou-se algo semelhante. Uma manhã, ao acordarem, deram conta que dois passarinhos haviam rompido o colchão em que estavam deitados e se preparavam para nidificar ali. A partir desse dia entregaram o colchão às aves e passaram a dormir numa simples esteira.

Voltemos aos livros. No tempo antigo, o papel era confecionado a partir da madeira das árvores. Hoje, no céu, fabricamos papel a partir de algas ou

de tecidos velhos. Livros, como costuma dizer o meu pai, são árvores que aprenderam a falar. Neste sentido, Luanda preserva uma espécie de pequena floresta falante.

Paris possui uma boa biblioteca de livros em papel. Visitei-a na companhia de Aimée. Li os títulos. Literatura francesa. Algumas centenas de romances em língua inglesa. Um par de estudos sobre meteorologia e navegação aérea. Meia dúzia de volumes raros.

Terceiro capítulo

*(**Noite**: o vazio que há entre as estrelas. A solidão pode ser também uma representação da noite – digamos, o vazio que há entre as pessoas.)*

LAMENTEI NÃO TER COMIGO UM CORDEL, para ir desenrolando enquanto avançávamos, poucos passos atrás de Sibongile. A sangoma falava, falava, falava sem cessar, e assim nos ia conduzindo – ou desconduzindo – através daquele revolto labirinto de sombras. Não a víamos. Seguíamos a voz dela. Bastaria calar-se para que nos perdêssemos.

– Uma manhã despertámos, e os balões, as redes estavam cheios de gafanhotos. Eu sonhava com a terra. Sonhava com os gafanhotos caindo sobre o verde das árvores. Abri os olhos e ali estavam eles. Aos milhares. Agora digam-me: de onde vieram? Não há gafanhotos no céu. Não há gafanhotos no mar. Os gafanhotos só podem ter sobrevivido se ainda existir em algum lado uma ilha coberta de vegetação.

Calou-se e nós parámos, já perdidos. Então ouviu-se um assobio, seguido de um alegre piar de ave, e logo uma luz trémula emergiu das trevas.

– Tenho dois peregrinos para *O Voador* – disse Sibongile. A luz deteve-se:

– Podem pagar a consulta?

– Não. Estes não pagam. São meus convidados.

Seguimos a luz durante uns dez minutos. Percebia-se que havia gente à volta. De vez em quando alguém tossia. Finalmente, desembocámos numa sala larga, com uma janela redonda, através da qual entravam estrelas. A luz da Lua iluminava uma cama de ferro, colocada no centro do quarto. Vi um homem deitado de costas, sobre duas enormes almofadas. O braço esquerdo, engessado, estava preso ao peito por uma gaze. Avancei dois passos e reconheci-o:

– Pai!

Um sujeito alto, forte, agarrou-me o ombro:

– Não pode aproximar-se mais.

Sacudi-o:

– É o meu pai!

O homem soltou uma gargalhada:

– Claro. E eu sou a tua mãe.

– É realmente o meu pai.

Sibongile interveio:

– Calma, Boniface. Deixe o rapaz falar com *O Voador*.

O homem assentiu com um suspiro. Soltou-me o ombro. Aproximei-me da cama. O meu pai ergueu para mim uns olhos perplexos:

– Quem és tu?

Estremeci:

– Sou o Carlos, pai! Não me reconheces?

Boniface voltou a agarrar-me. Puxou-me para trás:

– Basta! Estás a perturbar *O Voador*.

Dois outros homens saltaram das sombras e imobilizaram-me.

– Levem-nos daqui! – ordenou Boniface, antes de voltar a sua ira contra Sibongile. – E tu, bruxa velha! Tem mais cuidado com quem andas. Um destes dias atiro-te ao mar.

Nem sei muito bem como saímos dali. Lembro-me, horas mais tarde, de estar sentado a uma mesa de canto, num café vazio, enquanto o céu clareava. Aimée procurava acalmar-me:

– O importante é que encontraste o teu pai. Vamos pensar no que fazer a seguir.

Sibongile quis saber se eu possuía fotografias do meu pai. Mostrei-lhe algumas imagens que guardo no telefone. Ele e a minha mãe, ainda na terra, abraçados, enquanto, ao fundo, o sol se afunda no mar. Ele comigo ao colo, poucos minutos depois de eu nascer. Eu e ele praticando esgrima, sobre um cabo, perante uma assistência entusiasta. A curandeira assobiou, espantada:

– É *O Voador!*

– Sim! Porque haveria eu de mentir?

– Não sei. Temos quase sempre mais razões para mentir do que para dizer a verdade. Sempre foi assim. Como é que ele veio aqui parar? Voando numa asa-delta, como dizem?

– Se definirmos voar como uma rápida deslocação através do céu, inclusive na vertical, então podemos dizer que sim, que ele chegou até aqui voando. Veio voando desde Luanda, e só parou ao bater nas redes de proteção do Paris. Foi um voo Luanda-Paris – mas sem asa-delta.

– Sim, lembro-me, ele foi encontrado nas redes que protegem as placas de energia solar. Pode ser. Volta e meia cai alguma coisa nas redes. Detritos. Pedaços de satélites. Aves. Porque não uma pessoa? O teu pai deve ser um

homem com muita sorte.

– Receio que tenha esgotado a sorte toda. A sorte e a memória. Como o levo de volta a casa?

A curandeira suspirou:

– Boniface transformou o teu pai num bom negócio.

– Já percebi. Não será melhor ir à polícia?

– O bandido criou uma complexa rede de informantes e de colaboradores, inclusive na polícia. Arriscamo-nos a que ele se livre do teu pai muito antes que a polícia o encontre. Por exemplo, atira-o ao mar.

Irritei-me:

– Quem é, afinal, esse homem?

– Um bandido, já te disse. Entrou no Paris ilegalmente. Nasceu em Miami, nos Estados Unidos. Começou a vender droga, nas ruas, muito novo. Enriqueceu. Na altura do Dilúvio não conseguiu que nenhum dos grandes dirigíveis o aceitasse. Então, como tinha muito dinheiro, mandou construir um balão enorme e, contudo, incrivelmente rápido, o Española Way, e fez-se ao céu. Durante alguns anos sobreviveu do saque às aldeias mais pobres.

– Um balão-pirata?

– O Española Way? Um dos piores. Uma lenda dos ares.

– E depois?

– Boniface tratava os seus próprios homens com extrema brutalidade. Uma noite os piratas amotinaram-se e tomaram o balão. Boniface conseguiu escapar numa lancha rápida e alcançar o Paris, de noite. Trazia diamantes. Subornou os polícias de fronteira e entrou. Desde então tem feito um pouco de tudo. Montou um casino clandestino, Le Fantôme, frequentado por ricos e pobres, e, por isso mesmo, tolerado pelas autoridades.

Bebi a minha cerveja. A cerveja fabricada no Paris goza de justa fama no céu inteiro. Aimée, que se mantivera em silêncio durante quase todo o tempo, voltou-se para Sibongile:

– Aquilo que a senhora disse há pouco, aquilo dos gafanhotos...

– Sim?!

– O que queria dizer? Acredita realmente que ainda exista alguma ilha coberta de vegetação?

– Tenho a certeza absoluta. Nem hei de morrer sem sentir de novo o

cheiro da terra molhada e do capim verde. O cheiro das goiabas...

– Admitindo que existam. Ninguém, nenhuma pessoa, consegue resistir a temperaturas tão elevadas, durante um largo período de tempo. Não é possível viver nessas ilhas.

– Não sei. Pode ser que em algumas dessas ilhas a temperatura não seja tão elevada...

– Você disse que estava a sonhar com gafanhotos quando os gafanhotos apareceram. Talvez ainda fosse um sonho.

– Se aquilo foi um sonho, então não terminou. A má notícia é que vocês estão neste instante a ser sonhados por mim.

– Que horror! – suspirou Aimée. – Prefiro acreditar nos gafanhotos.

– Não são apenas os gafanhotos que me fazem acreditar na existência da Ilha Verde. Há alguns anos, antes de me instalar aqui, no Paris, conheci um homem que esteve lá.

Voltou-se para mim:

– Pedi-te que me levasses a um lugar, lembras-te?

– Lembro.

– Quero que me ajudes a encontrar a aldeia desse homem.

– E a senhora ajuda-me a resgatar o meu pai?

Sibongile abriu os braços num largo gesto de desânimo – ou de rendição:

– E tenho alternativa?! Já percebi que és mais teimoso do que um jumento. O tipo de pessoa que não descansa enquanto não consegue o que pretende. Sim, ajudo-te, embora esteja a arriscar a própria pele.

– Boa! Estamos todos juntos – disse Aimée. – E eu tenho um plano.

Quarto capítulo

*(**Terra**: para a maioria dos filhos do céu, a terra é uma fantasia dos velhos. Para os velhos é um sonho no qual eles próprios já não acreditam.)*

AIMÉE VIVIA NO CÉU – MAS NÃO VIVIA O CÉU. Não, como nós, nas aldeias, que nascemos e crescemos açoitados pelo vento, pela chuva e pelo sol, ou cobertos, à noite, por um profundo e cintilante manto de estrelas. Os parisienses, na sua maioria, nunca caminharam entre as nuvens. No máximo estendem-se ao sol, nas ociosas varandas dos seus apartamentos de luxo, desfrutando da calmaria de um verão perpétuo. Alguns visitaram uma ou outra aldeia. Ouvi-os, nos cafés, vangloriarem-se dessas rápidas surtidas, como se fossem atos de bravura. Uns poucos viajaram durante dois ou três meses em balsas alugadas. Esses são os mais interessantes. Aliás, um dos melhores relatos de viagens que nós publicámos, em Luanda, traz a assinatura de um parisiense: *Voando na Noite,* de Patrick Maciel, um navegador solitário, cego, que visitou mais de duzentas aldeias e cerca de trinta grandes dirigíveis, vagueando numa minúscula balsa salva-vidas – a Montparnasse. Tenho este livro na minha biblioteca, na Maianga. Quis conhecer o autor, para lhe pedir um autógrafo, mas ele voltara a partir em mais uma das suas explorações. Patrick é um dos heróis de Aimée:

– Os meus pais são amigos dele. Cresci, ouvindo-o a falar do céu. Sonhava em partir sozinha, como ele, para descobrir outros mundos.

Aimée vivia com os pais e um irmão mais velho num apartamento situado no Oitavo Piso. O Oitavo Piso é o segundo mais luxuoso do Paris. Acima dele desdobram-se cinquenta habitações, ocupadas por famílias riquíssimas e poderosas. É ali, no Nono Piso, que se alonga o famoso Jardim de Luxemburgo, com uma alameda ornada de palmeiras e a réplica exata de um café, o Buvette des Marionnettes, que existiu na antiga Cidade-Luz. O Jardim de Luxemburgo é também famoso pelo enorme lago, no centro, com flamingos. Ao entardecer, os flamingos esvoaçam pelo jardim como elegantes milagres cor de rosa. O pai de Aimée, Jean-Pierre Longuet, enriqueceu, na terra, a vender computadores. Hoje é o diretor de Informática e Comunicações do Paris, cargo importante, que ele exerce com zelo e competência. A mãe, uma senhora muito alta, de quem Aimée herdou o azul dos olhos e o coração inquieto, foi uma atriz de cinema muitíssimo popular em França. Hoje, dá aulas de ioga. Já Alain, o irmão de Aimée, partilha com

o pai a paixão pela informática. Passa a maior parte do tempo a navegar na Internet e a inventar programas e jogos, os quais oferece, depois, a uma meia dúzia de amigos virtuais. Aimée mantém com o irmão uma relação tensa e intensa. Amam-se e odeiam-se. Tão depressa estão aos gritos um com o outro, como aos abraços e carinhos.

Não invejo a vida dos ricos. Sim, eles alimentam-se melhor do que nós. Podem esperar, a cada dia, uma refeição diferente. Não sofrem com o frio e nem enfrentam o terror das grandes tempestades. Em contrapartida padecem de um tédio infindo, o que se me afigura, a mim, a pior das condenações.

O Paris é famoso pelas grandes festas. Estive em algumas. Não achei nelas alegria, antes uma melancolia ruidosa e um sentimento geral de exaustão e ceticismo. Os jovens parisienses dos andares superiores são, quase todos, tão vazios e estéreis quanto um mar sem peixes. Aimée e, de uma outra maneira, o irmão, o esquivo Alain, escapam à regra. Ambos souberam aproveitar os privilégios de que dispunham. A minha amiga estudou astronomia e biologia marinha, leu Borges, Pessoa e Nabokov, praticou judo e aikido. Tive, aliás, a possibilidade de confirmar a habilidade dela no domínio das artes marciais. Uma noite em que eu não trabalhava, combinámos encontrar-nos num bar chamado Baudelaire. Cheguei, como sempre, demasiado cedo. Sentei-me à espera. Um rapaz muito magro aproximou-se de mim:

– Já deixam entrar imigrantes nesta espelunca?

Olhei-o, atónito. Nasci numa pequena aldeia, e sei que posso parecer às vezes um tanto simplório e ingénuo. Contudo, habituei-me desde cedo a enfrentar tempestades. Ergui-me e encarei o imbecil. Perguntei-lhe o nome. Ele hesitou. Voltou-se na direção de um grupo de garotos, muito emproados, que cochichavam entre si, e gritou:

– O parolo quer saber como me chamo.

Dominei a irritação, e voltei a sentar-me, decidido a ignorá-lo. Não tive sorte. O magricelas agarrou-me pela gola da camisa:

– Volta para a tua balsa. Paris é para os parisienses.

Atirei-o para longe (ele era muito leve) e os outros caíram-me em cima, aos socos e pontapés. Aimée surgiu segundos depois. Mergulhou na confusão com a mesma elegância com que saltava para a água, e em gestos precisos, sem esforço aparente, afastou o mais alto dos agressores, estendeu

um segundo no chão, e, agarrando em mim, arrastou-me para a porta.

– Não te posso deixar sozinho. Arranjas logo problemas.

A partir dessa noite passei a ter mais cuidado com os lugares que frequentava. Passei também a sentir-me muito mais seguro na presença de Aimée. «Caímos sete vezes, e levantamo-nos oito», disse-me uma vez. É um dos mandamentos do aikido. Ela aplica-o na vida. Quando tinha doze anos foi-lhe diagnosticada leucemia. Aimée enfrentou a doença com serenidade. Ignorou a consternação dos adultos e o horror das restantes crianças. Não permitiu que a rotina dos tratamentos, a soma de pequenos e grandes desconfortos, interferisse nos seus estudos e, menos ainda, lhe toldasse a luz. Os médicos acham que a rápida recuperação se deveu a essa alegria e determinação.

Recordo uma outra noite, em que fomos passear para o Jardim de Luxemburgo. Enfiei com gosto as mãos na terra húmida.

– Este cheiro. Nunca senti um cheiro assim. É maravilhoso.

Aimée troçou do meu entusiasmo. Abraçou-me. Os pais costumavam levá-los ao jardim, a ela e ao irmão, quando eram crianças. Gostavam que os filhos remexessem na terra. Pretendiam partilhar com eles a dor da perda. O resultado foi que Alain passou a sofrer de pesadelos. Sonhava que a família regressava a França, onde eram perseguidos por animais ferozes. A irmã, mais feliz, passou a comer terra às escondidas. Ela acredita ter sido esse vício extraordinário, mais do que os medicamentos ou o indestrutível otimismo, que a ajudou a vencer a doença.

Quinto capítulo

*(**Magia**: chama-se magia à forma como o sonho interfere com a realidade, modificando-a. O céu foi sempre um território propenso à magia. Em quase todas as antigas religiões, magos, profetas e deuses manifestavam-se a partir do céu, ou regressavam ao céu depois de se manifestarem. **Magia** é haver tanto céu.)*

AIMÉE IMAGINARA UM PLANO PARA RESGATAR o meu pai e o levar de volta a casa. Estava tão entusiasmada enquanto o apresentava, rindo e gesticulando, que eu tive dificuldade em prestar atenção ao que dizia – perdia-me nos gestos dela, na luz que fluía dos seus olhos. Quando se calou, Sibongile, a sangoma, esticou os braços para trás, como a espreguiçar-se, e suspirou:

– Absurdo. Tão absurdo que talvez resulte.

Pedi-lhe que repetisse tudo. Aimée riu-se e repetiu:

– Vou pedir ao meu irmão que entre no computador central do Paris e simule um incêndio no Le Fantôme. Bombeiros e polícia correrão até lá. Boniface irá precisar da ajuda de todos os seus homens para ocultar as máquinas e salvar o lucro do dia. O teu pai ficará sozinho. Eu e a Sibongile iremos buscá-lo. Tu estarás na Maianga, à nossa espera, com tudo preparado para partirmos. Quando Boniface e a sua quadrilha derem por isso já estaremos muito longe.

– Estaremos?!

– Claro. Eu vou com vocês.

– Não vais não. Não podes.

– Não posso?

– Não, sem a autorização dos teus pais. Seria sequestro.

– Deixo uma carta a dizer-lhes que parti por minha livre vontade.

– Não. Sinto muito. Não posso permitir isso.

Aimée lançou-me um olhar furibundo e calou-se. Pouco depois levantou-se. Despediu-se de Sibongile com três beijos na face e foi-se embora sem sequer me dirigir palavra. Fiquei atordoado:

– Não te preocupes – tranquilizou-me Sibongile. – Amanhã já lhe passou.

Efetivamente, na manhã seguinte, estava eu ocupado a descascar batatas, nas cozinhas, quando o meu telefone tocou. Reconheci a voz de Aimée, muito animada:

– Conversei com o meu irmão. Ele topa. Consegues ter a tua balsa pronta para zarpar esta noite?

– Esta noite?!

– Hoje é sexta-feira. Le Fantôme vai estar cheio. Boniface terá muito mais trabalho para controlar os danos. Vai precisar de todos os seus homens.

– Isso é verdade.

– E então?

Disse-lhe que sim e desliguei. Manu reparou no meu nervosismo:

– Aconteceu alguma coisa?

O cozinheiro sempre demonstrara grande afeição por mim. Decidi contar-lhe tudo. Escutou-me espantado:

– Conheço o Boniface. Homem muitíssimo perigoso.

Recomendou-me mil cuidados. Disse-me que fosse preparar a balsa. Pagou-me pelo meu trabalho na cozinha naquele último mês e acompanhou-me ao mercado. Comprei água e mantimentos para a viagem.

Despedi-me dele no aeroporto, bastante emocionado:

– Voltaremos a ver-nos?

– Certamente, amigo. Mas não te aconselho a regressar ao Paris. Pelo menos enquanto Boniface estiver por aqui. Ele não te perdoará.

Passei a tarde a aparelhar e afinar a Maianga. Testei os motores e os sistemas de navegação. Estava nisto quando escutei o gemido de sirenes. Liguei para Aimée:

– O que se passa?

Escutei a respiração dela no meu ouvido:

– És tu? És tu? – Quase lhe podia sentir o hálito quente e o pulsar do coração aflito. – Tivemos de antecipar toda a operação. A Maianga está pronta para descolar?

Ao fundo, do outro lado do telefone, soavam gritos remotos. Mais próximo, uma voz de homem cantarolava em português uma canção que eu conhecia muito bem: ...*Se Luanda te encher de emoção / Se o povo te impressionar demais / é porque são de lá os teus ancestrais*... O meu pai, Júlio, costumava cantar essa canção, em surdina, para me acalmar, ou para se acalmar, sempre que nos encontrávamos numa situação difícil.

– É o meu pai? – gritei. – O meu pai está contigo?

– Sim, fica tranquilo, correu tudo conforme o previsto e ele parece bem. A Maianga está pronta para voar?

Disse-lhe que sim. Abandonar o Paris é fácil, não precisamos de passar pela polícia de fronteiras, nem existe qualquer controlo. Entrar, pelo

contrário, pode ser muito difícil. Os agentes exigem um documento de identidade com fotografia. Trata-se de uma manobra para dificultar a entrada dos pobres, pois a maioria dos balseiros, em particular dos filhos do céu, não possui documento algum. Em Luanda, felizmente, produzimos papel. Trabalhamos com papel. Todos nós dispomos de passaportes atualizados. Isso impressiona muito os estrangeiros. Liguei para a torre de controlo. Uma voz entediada respondeu-me que sim, que estava autorizado a largar âncora quando quisesse. Não havia nenhuma outra balsa em manobras e o céu estava limpo, com uma firme corrente ascendente:

– Um céu de anjos – disse a voz. – Façam boa viagem.

Seguiram-se minutos de extrema ansiedade. Várias vezes pensei em saltar, ir ao encontro dos fugitivos, mesmo sabendo que seria um disparate. Então vi-os: corriam ao longo da pista. Aimée, de mochila às costas, arrastava o meu pai pela mão direita. Júlio, com o braço esquerdo preso ao peito, parecia atónito e estremunhado, como se tivesse invadido um sonho alheio. Sibongile seguia um pouco atrás dos dois, empurrando um carrinho de supermercado cheio de sacos. Logo a seguir vi outro, um sujeito alto, de cabeça rapada, todo vestido de preto. Ultrapassou a sangoma e preparava-se para deitar a mão ao meu pai quando um gigante saltou de trás de um contentor e o derrubou com um soco.

Caramba, e que soco!

O homem caiu de costas e já não se levantou.

O gigante voltou-se para mim e acenou sorrindo. Era Manu. Desci as escadas de corda e abracei-me ao meu pai. Aimée sacudiu-me:

– Rápido! Eles estão aí...

Olhei para trás e vi avançar um grupo de três homens. Manu intercetou-os. Dois recuaram, assustados. O que parecia ser o chefe, a julgar pelas ordens que gritava, ainda tentou lutar. Aconteceu-lhe o mesmo que ao primeiro. O punho direito do cozinheiro atingiu-o no queixo, como uma martelada, e ele foi atirado para longe. O tumulto atraiu a atenção da polícia. Ajudei o meu pai a subir as escadas. Quando cheguei ao convés pude ver que o porto se enchia de polícias. Gritei a Aimée que soltasse as amarras e corri para a cabina de pilotagem. Em menos de trinta segundos estávamos a navegar, uns cinquenta metros acima do fulgor do Paris. Lancei um olhar para o convés, à procura do meu pai, e dei com Aimée.

– O que fazes aqui?!

– O que faço aqui?

Encarou-me furiosa:

– Viste aqueles brutos? Querias que eu ficasse lá em baixo? Sabe-se lá o que fariam comigo.

– O que fariam contigo? Pelo amor de Deus, aquilo está cheio de polícias. Vão prender os gorilas do Boniface. Talvez prendam também o Manu durante dois ou três dias. A ti, o pior que te poderia acontecer seria levarem-te pelas orelhas até ao apartamento dos teus pais.

– *OK!* Desculpa por te ter ajudado!

Gritou isto, enfurecida, e voltou-me as costas. Estabilizei a balsa a favor do vento, numa velocidade muito razoável, e fui procurar o meu pai. Encontrei-o sentado num dos sofás da biblioteca, com a mesma expressão de alheamento com que o vira a correr minutos antes. Sibongile estava sentada diante dele:

– Acho que o drogaram – disse-me. – Imagino que costumavam drogá-lo para que respondesse às pessoas.

– Como se estivesse em transe?

– Como se estivesse?! Talvez estivesse mesmo. Há substâncias que nos ajudam a entrar em transe.

– Não quero discutir isso consigo. Só quero saber se vai ficar bem.

– Não sei. Vou dar-lhe um chá, e depois deixamo-lo descansar. Amanhã veremos.

Aimée interrompeu-nos:

– Há uma balsa atrás de nós!

– Tens a certeza?

– Sim, vi-a largar do Paris.

Corri até à cabina de pilotagem. O Paris estava já muito distante, uma centelha prateada a flutuar no horizonte. Acima dele destacava-se uma mancha vermelha. Fui buscar os binóculos. Era uma balsa ligeira, aquilo a que nós, os filhos do céu, chamamos uma lancha. São pequenos balões rígidos, muito rápidos, alimentados a gasóleo, combustível raro e caríssimo. As lanchas podem ser usadas para salvamentos ou para transporte de passageiros entre os grandes dirigíveis. Infelizmente, ficaram também famosas por servirem a piratas para manobras de abordagem. Têm um

contra: não possuem muita autonomia. Correm uns trinta minutos, no máximo, e logo morrem. Aquela deveria estar a cerca de nove milhas. Levaria pouco mais de vinte minutos para nos alcançar, a menos que conseguíssemos ir um pouco mais depressa. Aumentei a velocidade, sabendo que, com isso, iria esgotar as baterias muito rapidamente.

Aimée compreendeu o perigo:

– Tens armas, algum instrumento com que nos possamos defender?

– Armas? Não. O meu pai ensinou-me que a violência é sempre uma capitulação da inteligência. Teremos de nos defender com a cabeça.

– Espero que tenhas a cabeça muito dura.

A lancha avançava. Crescia. Com os binóculos li o nome dela no casco: Port-au-Prince. Vi que transportava três homens. Um deles agitava uma espingarda de caça submarina, com arpão. Pouca gente no céu dispõe de armas de fogo. Os grandes dirigíveis possuem um pequeno arsenal, e os jovens recebem exercício militar, de forma a poderem fazer frente a eventuais ataques de piratas ou de quaisquer outros inimigos. Na verdade, ameaças remotas. Os salteadores não se arriscam a atacar cidades importantes. A polícia, no dia a dia, usa apenas cassetetes e algemas, o suficiente para combater rixas de bar ou repor a ordem entre casais desavindos.

A lancha estava tão próxima que era possível reconhecer o rosto dos nossos perseguidores. Os três homens riam às gargalhadas. Gesticulavam obscenidades. Aimée estava pálida:

– Vão abalroar-nos!

Um dos piratas puxou de um megafone:

– Só queremos *O Voador*. Entreguem-nos o homem e podem partir em paz.

Gritei, desesperado:

– Não! Para que querem o meu pai?

– *O Voador*! *O Voador*! Só queremos *O Voador*!

Estavam a menos de trinta metros. A menos de vinte metros. Então, quando tudo parecia perdido, a lancha abrandou e deteve-se, num golpe seco, adernando para o lado direito. O sujeito que tinha nas mãos a espingarda de caça submarina perdeu o equilíbrio. Endireitou-se de um salto, ergueu a arma e disparou. O arpão saltou na direção do meu peito. Quando

parecia que me iria atravessar, foi travado pelo cordel de *nylon* que o prendia e saltou para trás. Perdi o fôlego:

– Caramba! Pode dizer-se que vi a morte presa por um fio.

Voltei à cabina de pilotagem e reduzi a velocidade, para poupar as baterias. Não queria ficar sem energia a meio da noite. A mesma balsa que Boniface já deveria ter enviado para recuperar a lancha rápida poderia continuar depois à nossa procura. Vimos a Port-au-Prince dissolver-se ao longe, enquanto o sol desaparecia, lá em baixo, entre um incêndio de nuvens.

Abracei Aimée. Ela tremia:

– Então – posso ficar?

– O que vais dizer aos teus pais?

– Deixei-lhes uma longa carta, explicando o quanto é importante para mim fazer esta viagem. Espero que compreendam.

– Espero que não me mandem matar. Levamos o meu pai de volta a Luanda e depois regressas tu ao Paris – *OK?*

– Nem pensar! Eu vou com vocês procurar a Ilha Verde.

– Não existe nenhuma Ilha Verde.

– Há pessoas, saudáveis, que se convencem de que têm um tumor no cérebro. Esse tumor imaginário incomoda-as e assusta-as, destrói-lhes a tranquilidade, tanto quanto um tumor real. A Ilha Verde é o meu tumor imaginário. Como poderei ter a certeza de que não existe se não for à procura dela?

Baixei a voz:

– Também eu sofro de curiosidades e de inquietações, mas neste momento são outras. O interesse dos piratas no meu pai, por exemplo. Não te parece excessivo?

– Como assim?

– Boniface pode ter visto no meu pai a oportunidade de ganhar mais alguns trocos, drogando-o, servindo-se dele como de um xamã amestrado. Não creio, porém, que se desse ao trabalho de nos perseguir, enviando atrás de nós uma lancha rápida. Isso ficou-lhe caro. E o que faria com Júlio? Pagaria uma fortuna para que o deixassem entrar sem documentos no Paris? Levá-lo-ia numa balsa, de aldeia em aldeia, para o mostrar ao povo, como uma curiosidade de feira?

– Tens razão – concordou Aimée. – Não faz sentido.

– Pois não. Há mais alguma coisa. Ele precisa do meu pai, e eu não sei porquê.

Sexto capítulo

*(**Mar**: o céu em estado líquido. O princípio e o fim de tudo. Em quimbundo, e em vários outros idiomas africanos, a palavra que nomeia o mar é a mesma que nomeia Deus. É o lugar para onde vão os corpos das pessoas depois que morrem. As almas, creio, continuam no céu – ou vão para um céu acima deste. Essa é uma questão em debate. O céu dispõe-se em camadas, como uma cebola infinita. Por mais que a descasquemos, há sempre céu.)*

COMBINEI COM AIMÉE E COM SIBONGILE que faríamos turnos, nessa noite, para o caso de os piratas nos perseguirem. Fiquei na cabina de pilotagem, consultando cartas e estabelecendo planos de voo até às três da manhã. Não vi nenhuma luz estranha, e o radar manteve-se silencioso. Luanda estava ainda muito longe, mais de setecentas milhas para oeste. Fui acordar Sibongile e depois estendi-me num dos sofás da biblioteca. Despertei, já o sol ia alto, com a sensação de ter alguém atrás de mim, a vigiar-me. Levantei-me de um salto. Não havia ninguém, nem sequer o meu pai. Desci até ao meu quarto, um pouco inquieto. Sibongile dormia agora na minha rede. Lavei o rosto e os dentes e subi até à cabina de pilotagem. Júlio e Aimée estavam sentados no convés, conversando e rindo. O velho estendeu a mão ao ver-me:

– Almirante? Seu pai deve ter muito orgulho em si.

Puxou-me com força e estreitou-me num apertado abraço. Aimée enxugou uma lágrima com as costas da mão.

– Já sei que tiveste muito trabalho para me resgatar. A tua amiga contou-me. Acreditas que não me recordo de quase nada? Me lembro da tempestade, de ter solto o arnês para saltar e escapar às chamas, e de que escorreguei e falhei a rede. Depois guardo imagens soltas. Clarões. Memórias que não sinto como minhas.

– Suponho que eles te mantiveram drogado o tempo todo.

– Suponho que sim, só ainda não compreendo porquê. Foi o meu Woodstock, mas a música era má.

O resto do dia passou como uma festa. Manu oferecera-me carne de frango – um luxo! –, que o meu pai grelhou seguindo uma receita dos tempos antigos. A carne estava magnífica. Ainda assim comi-a com menos vontade do que todos os outros, porque, afinal de contas, frangos têm asas, têm penas e bicos, ou seja, são aves, e entre nós as aves não se comem. Aves são sagradas. Júlio bem me tentou convencer:

– Estes frangos não vieram do céu, filho. Aliás, frangos não voam. – Suspirou. – Ah! Lá, na terra, eu gostava de comer os pássaros que o meu avô caçava. No céu não comemos as aves por respeito à vida. Fomos nós, os

homens, quem provocou o Dilúvio. Somos responsáveis pela extinção de muitos milhares de espécies de plantas e animais. Algumas aves conseguiram escapar. O mínimo que podemos fazer é dar-lhes abrigo nas nossas aldeias.

O meu bisavô era índio. Um índio legítimo, da Amazónia, desses que se enfeitavam com penas, embora nas fotos que vi dele apareça sempre vestido de camisa e bermudas.

Aimée, que, como todos os habitantes dos dirigíveis, tem dificuldade em compreender a nossa devoção pelas aves, juntou-se ao meu pai:

– Frangos são animais estúpidos. Mais estúpidos do que os peixes. Podem inclusive perder a cabeça e continuar vivos durante muito tempo.

Contou que vira um documentário sobre um frango norte-americano que ficara sem cabeça e sobrevivera, transformando-se numa celebridade.

– Isso era possível nos Estados Unidos, esse tipo de fenómenos – confirmou o meu pai, muito sério. – Assim, de repente, lembro-me até de um ou dois presidentes norte-americanos que governaram sem cabeça.

Sibongile e Aimée riram-se. Eu deixei o frango de lado – que Aimée se apressou a comer – e fui preparar uma sanduíche de atum. Estava feliz por ter o meu pai de volta. Três dias mais tarde avistámos Luanda. Amanhecia, e a minha aldeia refulgia ao longe, como uma teia de aranha presa entre balões de todas as cores. Alguém deve ter visto aproximar-se a Maianga porque, de repente, um foguete explodiu no ar, logo seguido de mais dois ou três. Quando atraquei, junto ao Jango, já uma pequena multidão se concentrava ali. A minha mãe avançou, apoiada numa das irmãs, enquanto as pessoas se afastavam para lhes dar passagem. Então Júlio inclinou-se sobre a amurada, de braços erguidos, e a aldeia inteira explodiu em júbilo, gritando e abraçando-se e soltando aquelas gargalhadas amplas e contagiosas que nós, os luandenses, cultivamos desde o berço.

Ficámos uma semana em Luanda. Foram dias alegres. Sibongile, porém, mostrava-se inquieta. Queria partir. Fazia questão de recordar o acordo entre nós:

– Não estou de férias – repetia. – Cumpri a minha parte, cumpre a tua.

Voltei a aparelhar a Maianga. A minha mãe opôs-se. Júlio ficou do meu lado:

– O rapaz tem razão, Georgina. Fez um acordo e tem de o cumprir. Vai

ser uma bela viagem. Será bom. Está na hora de o nosso passarinho conhecer mais céu.

Sibongile procurava uma aldeia chamada Jakarta. Consultei a Skypedia, um dicionário exaustivo de aldeias, grandes cidades (dirigíveis), balões-empresa, balões-pesqueiros, postos de abastecimento de hélio, gasolineiras, e quase tudo quanto voe ou flutue, exceto aves legítimas e papagaios de papel. Fiquei a saber que Jakarta é composta por mais de oitocentas balsas. Uma aldeia gigantesca, portanto, habitada por umas doze mil pessoas. Os indonésios mantêm-se numa posição fixa, ou quase fixa, muito perto das coordenadas da Jakarta terrestre. Os balseiros fizeram, ao partir, na cerimónia de ascensão, um juramento segundo o qual não abandonariam jamais os céus do seu país, aguardando, suspensos, o dia da descida. Até ao momento têm cumprido. Não é fácil manter a aldeia estacionada, contra ventos e tempestades. Imaginem oitocentas balsas de todos os tipos, grandes e pequenas, bailando no céu ao mesmo ritmo.

– Para um estrangeiro Jakarta parece um caos – disse-me Sibongile. – Pouco a pouco começas a compreender que existe uma harmonia oculta e que tudo aquilo funciona.

Sorri, Luanda não era muito diferente, apenas tinha menos gente. Quis saber quantos anos Sibongile vivera em Jakarta. A sangoma olhou-me, divertida:

– Em Jakarta?! Nunca vivi em Jakarta.

– Ouvindo-te falar parece que viveste lá imenso tempo. Como sabes tantas coisas?

– Contou-me o homem de que te falei. Ele é indonésio. Mang, chama-se Mang.

– O que é que ele faz?

– Vende seda.

– Seda?

– Seda. Quase toda a seda que circula no céu vem de Jakarta. Eles têm bichos da seda.

– E esse homem, esse Mang, ele esteve na Ilha Verde?

– Sim.

– Não acredito, mas, enfim, vou cumprir a minha promessa. Levo-te a Jakarta.

Pretendia passar por Paris, para deixar Aimée. Fui falar com ela. Esperava gritos e choros, mas isso não aconteceu:

– Péssimas notícias – disse-me, muito serena, ao mesmo tempo que abria o *laptop*. Mostrou-me uma série de mensagens trocadas com a mãe. – Subestimámos a influência que Boniface exerce sobre o governo do Paris. Nenhum dos homens dele foi preso. Manu, o teu amigo, está desaparecido. O meu pai anda como um louco, à procura de quem possa ter entrado nos computadores de bordo. Foi falar com o Alain, claro, suspeitaram logo dele por causa da minha fuga. Escuso de te dizer que os meus pais estão furiosos...

– E o Alain?

– O Alain não é estúpido. Montou aquela pequena operação a partir do exterior, com um bando de *hackers,* as Brigadas de Assange, vinte ou trinta tipos espalhados por todo o céu. O governo não tem provas contra ele. O meu pai fechou-o no quarto, sem acesso ao computador, mais para o proteger do que para o castigar.

Voltou a fechar o *laptop* e abraçou-me, triunfante:

– Já vês, não posso regressar ao Paris.

Dois dias mais tarde a Maianga voltava a navegar. Largámos, rumo a leste, com um céu magnífico, tão liso e tão limpo que se conseguia, aqui e ali, espreitar o mar. Aimée, que nunca antes vira o oceano, estava deslumbrada:

– É tão lindo. Ah! Como eu gostava de mergulhar.

Os deuses escutaram-na. Ao anoitecer, vi no radar um ponto vermelho, devidamente identificado, aproximando-se de nós. Era o Paraty, de que já vos falei atrás, uma balsa pesqueira, muito bem equipada, que vende o melhor peixe daquela parte do céu. Provavelmente, de qualquer parte. Costumam aparecer em Luanda, de mês a mês, carregados de peixe e de riso fresco. A mãe, Judite, uma matrona alegre e ágil, fala com os filhos aos gritos, num português redondo e musical. David, o filho mais velho, não fala. Deixou de falar, ainda criança, no dia em que embarcaram na balsa e ele viu, a partir das nuvens, o mar engolir num brutal galope o histórico casario da pequena cidade onde moravam. Armando, o filho do meio, já nascido no céu, fala pelo irmão. A gente pergunta o que quer que seja a David, este olha para Armando, e Armando responde. Esther, dois anos

mais velha do que eu, ri mais do que fala. O cabelo loiro, repartido em grossas tranças de rastafári, chega-lhe à cintura.

O pescador à linha está para o pescador-mergulhador como um pároco de aldeia para um exorcista. Ambos pretendem o mesmo (no caso de párocos e exorcistas, salvar almas), mas enquanto uns contemplam o inferno de longe, como quem contempla uma metáfora, os outros mergulham nele.

Aproximei-me do Paraty e pedi licença para lançar uma ponte. Atravessámos para a balsa deles. Expliquei à família que eu e Aimée aprendêramos a nadar na piscina do Paris e que gostaríamos de mergulhar com eles. Aceitaram a proposta com entusiasmo. Na manhã seguinte acordámos muito cedo. O céu continuava translúcido como um vidro. Judite emprestou-nos máscaras de mergulho. Ajudou-nos a afivelar o arnês e a prender o cabo. Depois baixou o balão. O ar tornou-se quente. Esther saltou, de pé, e nós seguimo-la. Senti-me como se estivesse a mergulhar na boca de um dragão. Um bafo inflamado, uma rápida cegueira branca. Depois o mar quebrou-se como um espelho, e logo fendemos a água, assustando um cardume de peixes muito longos e muito verdes, de grandes olhos alucinados. Nadei até à superfície. Devido à neblina, a visibilidade era maior dentro da água. O ar não se respirava – comia-se. Ardia nos pulmões. Escutei, atrás de mim, a voz calma de Esther:

– Respira devagar. Habitua-te. Faz de conta que acabaste de nascer.

Muitos mergulhadores inexperientes desmaiam ao regressarem à superfície. Os Paraty criaram um código para comunicar com o pessoal lá em cima, na balsa. Dois esticões significa que está tudo bem. Três – ou nenhum – icem-nos. Aimée emergiu ao meu lado, a pele do rosto afogueada, rindo como uma criança:

– É tão lindo! Olhem para baixo – disse. – Não se assustem.

Um enorme tubarão-azul, uma das criaturas mais elegantes dos oceanos, girava sob os nossos pés. Media pelo menos quatro metros. Deu três lentas voltas e afastou-se. Esther mergulhou e nós fomos atrás dela. A água era ali pouco profunda. A oito, dez metros, conseguia-se distinguir, muito ao fundo, um escuro rumor de agudas formas.

– Isto já foi uma floresta – assegurou Esther, quando regressámos à superfície. – Aquilo, lá no fundo, são troncos de árvores. Milhões de grandes árvores mortas.

Almoçámos com eles um maravilhoso peixe-espada grelhado, e despedimo-nos. Durante a semana seguinte não vimos ninguém. Um céu desabitado. Então, no primeiro dia de março, muito de madrugada, um violento alarido arrancou-me da cama. Aimée, que dormia ao meu lado, abraçou-se a mim, em pânico:

– O que é isto?!

Subimos os dois. Sibongile continuava a dormir, na biblioteca, alheia ao carnaval que parecia estar a decorrer um pouco mais acima, no nosso convés. Passei pela cozinha, procurei a faca maior e galguei em dois saltos os degraus que faltavam. Abri a porta – e dei com os papagaios. Passeavam na amurada, seis ou sete, gritando uns com os outros, muito alegres, como adolescentes numa festa. Aimée já estava ao meu lado, também ela segurando uma faca e tão assombrada quanto eu:

– Maravilha! E de onde saíram eles?

Procurei no céu sinais de uma embarcação. Não se via nada. Corri até à cabina de pilotagem. A aldeia mais próxima, o Cairo, estava a mais de cem quilómetros de distância, para norte. Havia também uma estação móvel de abastecimento de hélio, duzentos e cinquenta quilómetros para sul. Mais nada. Dois pequenos pontos no monitor, um vermelho e outro azul, afastando-se um do outro. Um terceiro ponto, no centro, muito verde, palpitando e palpitando e palpitando: nós, a Maianga.

– Vem! Vem ver isto!

Era Aimée gritando lá fora, apontando com o dedo para qualquer coisa, bastante mais abaixo, escondida entre o nevoeiro. Fiz com que a balsa descesse até aos cem metros. Um calor sufocante. Arranquei a camisa, ensopada em suor, e desci mais um pouco. Os papagaios protestaram, irritados. Dois deles levantaram voo e deixaram-se cair, afundando-se na suave brancura. Segui-os com o olhar. E de repente lá estava ele, um balão azul, alongado, muito brilhante. Tivera um nome, mas estava riscado. Estabilizei a Maianga ao lado da balsa. Fui buscar o megafone:

– Alô, tripulação, respondam!

Só os papagaios responderam. Esvoaçavam, muito agitados, entre as duas balsas. Estávamos a menos de vinte metros. Lancei um gancho que se prendeu à amurada da outra embarcação. Estiquei o calabre. Vesti o arnês e prendi-me ao cabo. Aimée não escondia o nervosismo:

– Vais atravessar? És algum funâmbulo?

Lembrei-me de uma frase que o meu pai gostava de repetir:

– No céu, somos todos funâmbulos e palhaços. Uns mais palhaços, outros mais funâmbulos.

Subi para a amurada e atravessei o calabre a correr. Faltavam-me percorrer uns dez metros quando, sem aviso, baixou em mim o palhaço – essa entidade propensa a desastres e gargalhadas. Libertei o meu cabo do arnês e voltei-me para trás. Aimée tinha os olhos muito abertos. Sibongile, ao lado dela, desgrenhada, embrulhada numa toalha vermelha, abanava a cabeça num gesto de reprovação:

– Estás maluco?! – gritou-me Aimée. – Volta a prender o cabo.

Dobrei-me numa vénia teatral e dei um salto mortal para trás. Há anos que não fazia aquilo. Porém, embora me faltasse o treino sobrava-me, naquele instante, a convicção, de forma que o meu corpo desenhou uma curva perfeita no ar sem fôlego, até os meus pés encontrarem de novo a segurança do calabre. Voltei a inclinar-me, numa vénia ainda mais profunda, «aplausos, gente, aplausos!», dei meia volta e saltei para o convés da balsa. Estava tudo arrumado e limpo com exceção das penas dos papagaios. Abri a porta que conduzia à cabina de pilotagem. Preso a uma das paredes havia um enorme mapa, desenhado à mão, do que parecia ser a terra após o Grande Desastre. Ao invés de Terra devia ter passado a chamar-se Água. Pequenas ilhas soltas (mortas) numa imensidão de azul. Não encontrei o computador de bordo. Impossível adivinhar o que se passara ali.

Ouvi um choro. Detive-me, assustado. Vinha do andar inferior. Desci. Vi, olhando para mim com enormes olhos de assombro, uma menina de um ano e pouco. Estava nua e fazia um esforço enorme para se manter em pé. Ao ver-me abriu um sorriso:

– Papá!

Peguei-a ao colo. Não havia mais ninguém. A mesa da cozinha estava posta para duas pessoas. Pão de algas, água e dois ovos estrelados. Havia ainda um biberão vazio. Enchi o biberão com a água e dei-o à menina. Voltei ao convés. Mostrei a figurinha às duas mulheres, na Maianga. Gritei:

– E agora, o que faço com ela?

Sétimo capítulo

*(**Voar**: esforço de desmemória que consiste em extrair da mente todo o peso do real.)*

VOAR. AH, VOAR!

Nascemos sem asas, mas com a capacidade de as sonhar. Existem tantas lendas antigas sobre homens voadores quantos balões há no céu. Sonhadores – pessoas com a cabeça nas nuvens, como se dizia antigamente, antes de andarmos todos realmente com a cabeça entre as nuvens – costumam ver melhor o que está para vir. Quanto mais alto estivermos, quanto mais sonharmos, mais longe vemos.

Os primeiros homens a voar num balão talvez tenham sido os índios Nazcas, do Peru, ainda antes do nascimento de Jesus Cristo. Sabe-se isto porque se encontrou um vaso antigo, em barro, representando um balão de ar quente com dois tripulantes. Em 1975, um grupo de pesquisadores baseou-se no referido objeto para construir um balão, confecionado a partir de fibras de plantas conhecidas dos Nazcas. O balão conseguiu erguer-se no ar. Os gigantescos desenhos de animais nos planaltos de Nazca, só visíveis do céu – antes do Dilúvio, claro –, teriam sido produzidos por estes índios voadores. Enquanto os índios de Nazca exploravam o céu, em balões de ar quente, os chineses voavam em enormes papagaios de papel. Foi o famoso general Han Xin, que serviu o imperador Gaozu, duzentos anos antes de Cristo, quem teve a ideia de prender soldados a papagaios de papel. Han Xin servia-se dos soldados voadores para observar o movimento dos exércitos. Estes soldados cantavam, enquanto sobrevoavam as tropas inimigas. Cantavam cantigas de escárnio. Troçavam, lá do alto, dos combatentes inimigos.

Han Xin tinha um filho com sete anos de idade, Han-Li, o qual era capaz de ficar horas, fascinado, a observar o voo dos pássaros. Han-Li ficou ainda mais fascinado com os soldados-papagaios. Durante meses importunou o pai para que o deixasse voar. Finalmente, Han Xin aquiesceu. O menino foi amarrado ao papagaio mais belo de todos, uma enorme libélula em tons de vermelho, e largado no ar. Um súbito golpe de vento rompeu o fio que o prendia ao chão, e o papagaio desapareceu no azul profundo. Han-Li voou durante dias e noites, sorvendo a água das nuvens e alimentando-se do que os pássaros lhe traziam. Atravessou muitos céus, sobrevoando terras

estranhas e o abismo dos mares, até a libélula embater de encontro a uma nuvem, maior e mais sólida do que qualquer outra que Han-Li vira antes. Embater é como quem diz – o papagaio rasgou a nuvem, sem ruído, detendo-se ao fim de uns dez metros, meio de borco, com a quilha quebrada. O rapaz desamarrou-se e saltou para a nuvem. Os pés afundaram-se na fofa brancura incandescente. Experimentou dar alguns passos. Era como se caminhasse sobre flocos de algodão, o que não o espantou. Espantara-o, até àquele dia, isso sim, que as nuvens não tivessem a consistência do algodão. Caminhou a manhã inteira. Encontrou, finalmente, uma aldeia habitada por uma tribo de homens minúsculos, de cabeça grande, que comunicavam uns com os outros através de gargalhadas. Viveu naquela nuvem, com os nefelibatas, durante vinte e dois anos. Ao fim desse tempo, tendo aprendido o alegre idioma deles (ou seja, tendo aprendido a rir como eles), bem como muitos dos seus segredos, incluindo a navegação aérea, com recurso a asas feitas de nuvens prensadas, regressou à China. Ali descobriu, com horror, que toda a sua família fora assassinada por ordem da malvada imperatriz Lu Zhi. Han-Li viveu o resto dos seus dias na pele de um sábio vagabundo, circulando de aldeia em aldeia, aprendendo e ensinando. Alguns dos seus ensinamentos foram reunidos num tratado de alquimia, *Segredos dos Nefelibatas*. O original perdeu-se. Ao longo dos séculos, contudo, foram sendo produzidas diversas cópias, todas um pouco diferentes umas das outras. Sobrou uma única, guardada em Luanda, na nossa biblioteca, que fizemos traduzir para diversas línguas.

Na Europa, os primeiros balões de ar quente a erguerem-se no ar, na presença de testemunhas, terão sido os do padre brasileiro Bartolomeu de Gusmão, em 1709. Os modelos desenvolvidos por Bartolomeu de Gusmão eram demasiado pequenos para carregarem um homem. Alguns incendiaram-se logo. Outros conseguiram cumprir um curto voo. O rei português D. João V, que assistiu às primeiras experiências, em Lisboa, não ficou entusiasmado. O invento pareceu-lhe imprestável e perigoso. Se o monarca português fosse um sonhador – se tivesse a capacidade de ver ao longe – investindo no desbravamento do céu, tanto quanto investiu na paixão por freirinhas ou na colonização do Brasil, a história da aviação teria sido outra. Foi necessário aguardar até 1783 para que dois irmãos franceses, Joseph e Etienne Montgolfier, se erguessem num balão até quase dois

quilómetros de altura. Vieram depois os balões dirigíveis, ou seja, balões cujo voo podia ser controlado, avançando nesta ou naquela direção, inclusive contra o vento, graças ao poder dos seus motores.

Em 1928, surgiu o primeiro dos grandes dirigíveis, o LZ 127 Graf Zeppelin, com duzentos e treze metros de comprimento, cinco motores, e capaz de transportar vinte e quatro passageiros e trinta e seis tripulantes. Foi a primeira aeronave a circundar a terra, percorrendo trinta e três mil quilómetros em sete etapas. Ao longo da sua carreira, até 1937, o Graf Zeppelin atravessou mais de quinhentos mil quilómetros de céu, transportando um total de dezassete mil passageiros. O seu irmão mais novo, o LZ 129 Hindenburg era, para a época, um elegante milagre de luxo e de tecnologia. Media duzentos e quarenta e cinco metros de comprimento, quarenta e um metros e meio de diâmetro, e era capaz de percorrer catorze mil quilómetros, sem repouso, a uma velocidade de cento e trinta e cinco quilómetros por hora. Podia transportar até cinquenta passageiros e sessenta e um tripulantes, tudo isto sustentado por duzentos mil metros cúbicos de hidrogénio. A sala de jantar tinha janelas oblíquas, de forma que os passageiros pudessem apreciar a paisagem, lá em baixo, enquanto comiam, bebiam e conversavam.

Na noite de seis de maio de 1937, quando se preparava para atracar na base naval de Lakehurst, em Nova Jérsia, nos Estados Unidos, um enorme incêndio deflagrou de repente, lançando toda a estrutura ao solo e matando trinta e seis pessoas, entre passageiros, técnicos e tripulantes. A tragédia interrompeu, durante longos anos, o reinado dos grandes dirigíveis. Decorreu quase um século até que as empresas de aviação se voltassem a interessar pelos aeróstatos, como uma alternativa mais barata, e infinitamente mais encantadora, às rápidas e impessoais viagens de avião.

No início da década de vinte do nosso século, o *designer* francês Jean-Marie Massaud apresentou o projeto de um hotel flutuante, o Manned Cloud, que se revelou um enorme sucesso. O primeiro Manned Cloud, com o formato de uma enorme baleia branca, incluía uma biblioteca e um spa e tinha capacidade para receber quarenta hóspedes. Hoje, a Manned Cloud é a maior rede de hotéis do céu, com mais de cinquenta unidades. Estes hotéis são utilizados pelos habitantes ricos das grandes cidades, que ali vão relaxar – «mudar de céu», como dizem –, mas servem também para albergar

convenções de dirigentes políticos e eventos comerciais.

Quando aconteceu o Dilúvio já pairavam no céu todo o tipo de balões e dirigíveis. Mais importante, a humanidade dispunha de tecnologia para a construção de aparelhos muitíssimo maiores. O Paris, por exemplo, mede dez vezes mais do que o LZ 129 Hindenburg. Não é tão rápido, claro, nem precisa. As cidades aéreas não foram construídas para competirem umas com as outras em velocidade, e sim para transportarem o maior número possível de pessoas com comodidade. Elas competem umas com as outras em luxo e população.

Houve tempo, à medida que o mar galgava a terra, de construir alguns milhares de arcas voadoras, dezenas de enormes fábricas flutuantes de hélio e de hidrogénio, e plataformas para a exploração de petróleo. Centenas de pessoas trabalham para assegurar o funcionamento e a manutenção dessas fábricas e plataformas, lá em baixo, em condições bastante difíceis. São empregos perigosos, mas muito bem pagos.

Oitavo capítulo

*(**Identidade**: não tem a ver com o lugar onde nascemos, pois no céu tudo é movimento, e sim com os lugares por onde passamos. **Identidade** é o que a viagem faz de nós enquanto continua. Só os mortos, os que deixaram de viajar, possuem uma **identidade** bem definida.)*

CRESCI A ESCUTAR HISTÓRIAS SOBRE BALÕES-FANTASMA.

Nós, os meninos, ouvíamos os mais velhos contarem essas histórias, ao entardecer, no Jango, de olhos arregalados e pele de galinha. Os enredos, é verdade, pouco variavam: uma balsa que se aproximava de uma aldeia, sem responder a nenhuma saudação ou aviso. Abalroavam-na, para impedir a colisão, e não encontravam ninguém lá dentro. Eu gosto, em particular, da lenda do Holandês Voador, um enorme balão, muito decrépito mas extremamente rápido, que surge em noites de temporal, atravessando-se diante dos grandes dirigíveis. Avistar o Holandês Voador – diz-se – prenuncia terríveis tragédias.

Pensava nisto tudo enquanto atravessava o calabre, de volta à Maianga, com a bebé ao colo. Deixei-a aos cuidados de Aimée e de Sibongile e fui para a cabina de pilotagem. Durante horas busquei, na Skypedia, uma balsa com as características da que encontráramos: *um balão a hélio, de três andares, pintado de azul. Quatro motores movidos a energia solar e a gasóleo e capacidade para oito pessoas.* Encontrei mais de cento e cinquenta. Aimée interrompeu os meus pensamentos. Trazia a bebé ao colo:

– Descobriste alguma coisa?

– Não.

– Como vamos chamá-la?

A menina olhou para mim e sorriu. Tinha um porte de rainha. Devolvi-lhe o sorriso:

– Vera Regina – respondi. – A verdadeira rainha. E à balsa, para já, vamos chamar Nova Esperança.

Vera não utilizava connosco senão uma meia dúzia de palavras. Contudo, entusiasmava-se sempre que os papagaios apareciam, correndo para eles com largos gestos e risos. Parecia conversar com os papagaios, não em inglês, nem sequer num inglês de papagaio, mas numa língua de aves, verde, húmida e exuberante, como imagino que a terra tenha sido um dia.

Na viagem até Jakarta encontrámos mais duas balsas pesqueiras, uma portuguesa, a Alfama, e outra cubana, a Sancti Spiritus. Os portugueses, um casal idoso, mostraram-se encantados por nos verem. Marcolino, o marido,

conhecera Luanda, a Luanda original, antes do Dilúvio. Passou uma noite a contar-me histórias da terra dos meus pais. Ele dizia, «a terra dos teus pais», e suspirava. Repetia, «a terra, a terra», e os seus olhos, cor de avelã, enchiam-se de lágrimas. Perguntei-lhe:

– Do que tem mais saudades, lá, da terra?

Já sabia a resposta. A resposta é sempre a mesma:

– Queria correr. Do que tenho mais saudades é de correr, de andar, andar, andar, de me poder mover para toda a parte. E das árvores, sim, tenho muitas saudades das árvores.

Aimée interessou-se:

– Dizem que havia árvores gigantescas.

– Sim, filha – confirmou o velho. – Havia árvores enormes e muito, muito velhas. As árvores eram os seres mais velhos do planeta. Morreram todas. Acho que morreram todas.

– Nós temos árvores, lá no Paris...

– Árvores?! – O velho riu-se, descrente. – Oh, as árvores! As árvores não são como os homens, precisam de raízes. Não fincam raízes nas nuvens. Ninguém finca raízes nas nuvens. Às vezes sonho com árvores. Sonho com carvalhos, com oliveiras. Sonho até com eucaliptos. Lá, na terra, eu antipatizava com os eucaliptos. Agora, se voltasse a encontrar um eucalipto, abraçar-me-ia a ele. Pedia-lhe perdão.

Os cubanos, ou melhor, as cubanas, sete mulheres muito jovens, receberam-nos ainda melhor. Sibongile revelou-se muito útil, com os seus truques de cartomante. Todas as mulheres insistiram em marcar uma consulta com ela, trocando advertências e pressentimentos por bom peixe, acabado de sair do mar. Antes de nos despedirmos, Karla, a mais velha, abriu uma garrafa de rum – de verdadeiro rum! –, oferta de uma das avós. Olhou-me nos olhos:

– Vamos brindar aos encontros!

Se não tivesse uma promessa a cumprir ter-me-ia demorado mais alguns dias. Aimée acordou-me numa manhã brumosa:

– Vem! Já vejo Jakarta no radar.

Tinha-a ensinado a manobrar a Maianga. Ensinei-a ainda a operar com o radar e o computador de bordo, a ler as estrelas e a estabelecer rotas, evitando ventos e tempestades. Aimée aprendia com rapidez. Fixava tudo.

Transformara-se, em apenas duas semanas, numa exímia navegante. Subi até à cabina de pilotagem. Lá estava Jakarta, pulsando no ecrã. Cinco horas mais tarde o céu abriu-se e vimos emergir ao longe, batida por uma luz violenta, a imensa teia verde da aldeia indonésia.

Sim, ao longe, Jakarta é verde. Quase todos os balões estão pintados de verde, alem dos cabos e das redes. À medida que nos aproximávamos, porém, a teia ia-se abrindo numa infinidade de outras cores. As cinco altas torres de atracagem, erguidas numa das extremidades de Jakarta, destacam-se do conjunto por estarem pintadas de cor de laranja. Quatro delas estavam totalmente ocupadas. Pedi licença à torre de controlo para atracar na quinta torre.

– Selamat Datang! – respondeu-me uma voz de mulher.

As mesmas palavras estavam escritas a tinta preta em cada uma das torres. Deduzi que fosse uma mensagem de boas-vindas. Lancei as amarras e, em menos de dez minutos, tinha a Maianga e a Nova Esperança bem presas à torre. Descemos. Expliquei à polícia de fronteira que encontrara uma balsa à deriva com uma menina lá dentro. Não me prestaram atenção:

– A menina não pode ficar aqui, não é um problema nosso. Levem-na. Vocês podem permanecer em Jakarta três dias. Boa estadia.

Descemos para a praça principal, um enorme bazar. Ali se vendem, à luz livre do sol, panos e roupas de seda estampados em cores incríveis. Comprei camisas para mim e para Aimée. Comprei também, na secção das comidas, duas caixas de peixe seco, temperado com especiarias raras. Vimos ainda muitos comerciantes de joias e antiguidades. Os indonésios são excelentes mergulhadores-coletores. Viajam para longe, em balsas pequenas, muito rápidas, à procura de atóis e ilhéus mortos. Não conseguiria adivinhar nem a serventia nem a proveniência de muitos dos objetos à venda. Comprei um pente em marfim. Aimée encantou-se com uma pequena boneca de porcelana. Enquanto divagávamos entre a multidão, estonteados pela intensidade dos cheiros e das cores, Sibongile interrogava os vendedores.

– Mang?

Logo alguém lhe apontou um Mang. Sibongile correu para ele, mas não era o amigo que procurava. Pouco depois apareceu mais um Mang. E outro ainda. Suponho que Mang seja um nome popular em Jakarta. Ao anoitecer, quando retornámos à Maianga, continuávamos sem saber o paradeiro do

genuíno Mang:

– Esse teu amigo não tem outro nome? – perguntei-lhe. – Sei lá, Mang da Silva?

– Os indonésios não costumam utilizar um nome de família. Ele é de Bali. Em Bali, ao quarto filho é costume chamar Nyoman ou Komang. O diminutivo de Komang é Mang.

Conversávamos e ríamos, enquanto saboreávamos um caldo de peixe com mandioca. A mandioca, como a batata-doce, a cenoura e outros tubérculos, são produtos caros, um luxo em qualquer mesa. Aquelas, eu comprara no Paris. O tempo que passara a trabalhar nas cozinhas afinara-me o paladar. Preparava-me para encher mais uma tigela quando escutei a buzina do computador central. Era uma chamada da torre de controlo:

– O senhor Mang pergunta se pode subir.

Disse que sim e fui recebê-lo ao convés. Vi surgir um velho muito magro, de barbas longas, grisalhas, cuidadosamente entrançadas. Usava uns óculos redondos, antigos, que o faziam parecer mais frágil. Surpreendeu-me, ao apertar-lhe a mão, senti-la firme e calejada:

– Creio que andaram à minha procura – disse Mang, numa voz macia. – Disseram-me que uma senhora chamada Sibongile procurava por alguém com o meu nome. Eu sou amigo da Bongi.

Apresentei-me e conduzi-o à sala de jantar. Sibongile ergueu-se com um grito, «Mang!», e saltou para o abraçar. Compreendi, naquele instante, que entre os dois existira, em tempos, mais do que amizade. Quis saber como se haviam conhecido. A sangoma encarou-me, aflita:

– Foi há muitos anos...

– Sim – repetiu Mang. – Há muitos anos. Naquele tempo eu era outra pessoa.

– Está calado! – sussurrou Sibongile.

– Fui pirata – prosseguiu Mang sem lhe prestar atenção. – Em determinada altura tomámos de assalto uma aldeia sul-africana chamada Durban. Foi lá que nos conhecemos.

Aimée sorriu, deslumbrada:

– A Bongi apaixonou-se por si, certo? Síndrome de Estocolmo!

Mang sorriu timidamente:

– Foi o contrário, eu apaixonei-me por Bongi. Fugimos, de noite, numa

balsa decrépita, sem radar, sem computadores, sem instrumentos de navegação. Andámos à deriva durante três dias.

Inclinei-me sobre ele, tenso:

– Quem era o capitão? O capitão dos piratas?

– Boniface, do Española Way. Um tipo completamente louco!

Quase saltei sobre Sibongile:

– O que significa isto?

A sangoma ergueu ambas as mãos, num gesto apaziguador:

– Calma! Calma! Tencionava contar-vos tudo. Só estava à espera de uma boa oportunidade.

Nono capítulo

*(**Sonhar**: exercício que consiste em imaginar o impossível, para depois o realizar. Como voar.)*

SIBONGILE TINHA QUINZE ANOS QUANDO UMA SENHORA de muita idade, curvada como um ponto de interrogação, se deteve diante dela. A velha olhou-a longamente, estudou-lhe o rosto e as mãos, fez-lhe duas ou três perguntas e em seguida pediu-lhe que fosse chamar a mãe. As duas – a mãe de Sibongile e o ponto de interrogação – confabularam um bom tempo, em voz baixa. Dias depois, a mãe levou-a para uma casa onde já se encontravam algumas meninas da mesma idade. Sibongile venceu, nos meses que se seguiram, as difíceis provas e rituais para se transformar numa sangoma. Aprendeu a interpretar sonhos, a diagnosticar doenças no jogo dos ossos, a lançar encantamentos, mas não chegou a dominar todo o complexo mistério das raízes e ervas e infusões, pois, de repente, o seu mundo perdeu o chão.

O mundo inteiro perdeu o chão.

Lembra-se das imagens nas televisões. O mar cavalgando sobre as praias e as cidades. Arrastando transatlânticos, camiões e comboios, como se fossem gravetos. Em muitos países, incluindo na África do Sul, o poder central desagregou-se. O dinheiro deixou de ter valor. Bandos errantes assaltavam as lojas e as casas. As igrejas encheram-se de multidões desesperadas. Foi um tempo bom para todo o tipo de profetas, sacerdotes e xamãs, incluindo as sangomas. Sibongile não teve dificuldade em conseguir lugar numa das balsas, quando Durban se ergueu no ar.

As pessoas precisavam dos serviços dela, precisavam de alguém que apontasse caminhos, que assegurasse algum alívio para males como a angústia, a desesperança, a nostalgia de um chão, a escuridão do futuro. Sofrimentos que os melhores médicos não eram capazes de enfrentar.

O Española Way caiu sobre Durban como uma ave de rapina sobre a carne indefesa de um pardal. Dois ou três homens tentaram reagir, mas foram rapidamente dominados. Os piratas brandiam armas de fogo. Além disso, sabiam lutar. Mang, por exemplo, era um praticante exímio de *pencak silat,* uma arte marcial indonésia, bem como da *eskrima,* luta com bastões, espadas e facas, de origem filipina. Depois de reunirem todos os habitantes no centro da aldeia, os piratas foram de balão em balão, recolhendo

alimentos, joias e outros objetos de valor. Ao entrar numa das balsas, a Wedge Beach, Mang viu uma mulher escondida num dos armários.

– Assim que a vi apaixonei-me por ela – contou Mang. – Era linda. Era linda, como uma artista de cinema de Bollywood.

– Bollywood?!

– Bollywood. Era assim que chamávamos à indústria de cinema indiana. A capital do cinema indiano ficava em Bombaim. Hoje há uma aldeia com esse nome, enorme. Ainda fazem filmes lá. Mas não é a mesma coisa.

Sibongile sorriu:

– Nunca fui bonita. Mang, sim, era um homem bonito.

Mang sabia que não poderia ficar em Durban. Sabia que não poderia levar Sibongile para o balão dos piratas. Então soltou a Wedge Beach e fugiu com a sangoma. Era uma noite sem lua. Os piratas só deram conta da deserção na manhã seguinte. Ao compreender o que acontecera, Boniface ficou louco de fúria. Supôs que o indonésio descobrira algum tesouro, provavelmente joias, e que fugira para não o partilhar. Mang riu-se ao recordar o episódio. Apontou para Sibongile:

– O meu tesouro era esta mulher!

A balsa não tinha computador de bordo, nem radar, de forma que se lançaram às cegas no céu. Andaram à deriva durante três dias. Uma tarde, viram aproximar-se uma enorme balsa negra. O indonésio reconheceu a Española Way. Compreendeu que estava perdido. Tomou, então, uma decisão suicida. Fez com que o balão descesse ao nível do mar, oculto pela bruma, lançou um bote insuflável e depois saltou. Os piratas, que perseguiam o Wedge Beach, conseguiam vê-lo no radar. Não viram, porém, o mergulho de Mang. Esperaram que o balão voltasse a subir e abalroaram-no. Viraram e reviraram o Wedge Beach. Não encontraram sinais de Mang, nem tesouro algum. Interrogaram Sibongile, sem violência, sem erguerem a voz, até obsequiosos, com salamaleques e mãozinhas de seda. A verdade é que a temiam. Finalmente, Boniface convidou-a a instalar-se no Española Way. Foi um sequestro amável. Ao capitão dos piratas convinha, por um lado, ter a bordo uma mulher como ela, capaz de presságios e encantamentos. Dava segurança à tripulação e a ele aumentava-lhe o poder. Convenceu-se, além disso, de que Mang retornaria, mais tarde ou mais cedo, à procura da sangoma, e que nessa altura poderia trocá-la por bom preço.

Continuava a acreditar que Mang roubara um tesouro.

Sibongile consultou os ossos, e o seu coração sossegou. Nas noites seguintes sonhou muito. Viu Mang perdido num labirinto de algas e de brumas. Viu-o a arder em febre, a sufocar de calor, a remar por entre um vagaroso cardume de peixes mortos. Viu-o a sorver, com os lábios gretados, a humidade das roupas. Durante semanas não voltou a sonhar. Antes de se deitar tomava um chá de camomila, o qual, segundo a tradição, propicia os sonhos. Nem isso a ajudava. Dormia e despertava e só encontrava dentro de si o espesso negrume do medo. Então, numa noite em que havia discutido brutalmente com Boniface, exigindo que este a devolvesse a Durban, sonhou que Mang corria, livremente, num chão muito verde. Acordou encharcada em suor. Esforçou-se por adormecer, para retomar o sonho no ponto onde havia acordado, os pés nus de Mang movendo-se rapidamente, a fugaz silhueta de uma girafa ao longe, mas não conseguiu.

– Foi assim mesmo – confirmou Mang.

Lançara o bote, colocara às costas uma mochila com várias garrafas de água e mergulhara. Sentira o estalo do corpo ao bater no mar, e o ardor nos pulmões, ao emergir. Alçara o corpo para o bote. Erguendo o olhar, vira o Wedge Beach a esfumar-se na neblina, levando a mulher que amava. Remou durante horas. Desmaiava. Acordava. Bebia um pouco de água e voltava a remar. Doía-lhe a cabeça. Sofria tonturas e vagas alucinações. Vieram as algas e depois um oceano denso e nauseabundo de peixes mortos. Atravessou o pesadelo, resistindo à tentação de comer os peixes, até que, de repente, um leve fulgor o atraiu. Remou na direção desse brilho.

Uma praia!

Julgou que estivesse a sonhar. Não se beliscou, porque era um sonho bom. Desembarcou na areia. Pensou, primeiro, que fosse um simples atol, semelhante a alguns que visitara anos antes, acompanhando mergulhadores-coletores. Os atóis são pequenas ilhas mortas, rochas cobertas de algas, ao redor das quais se concentra todo o tipo de dejetos.

Avançou por entre o nevoeiro, de surpresa em surpresa, pois a terra continuava a erguer-se e a cada encosta se fazia mais verde. Uma erva húmida ia emergindo, afirmando-se. Ao fundo, a luz do sol iluminou por um breve instante um bosque espesso.

Não, não encontrara girafas. Topara, porém, à entrada do bosque, com

uma tribo de pequenos macacos, muito ferozes, que o haviam expulsado à pedrada. Circundando a ilha, achara coqueiros. Partira os cocos para beber a água e provar a saborosa polpa. Durante um tempo que lhe pareceu infinito, mas que podem ter sido apenas algumas horas, ou, talvez, um dia, uma noite e outro dia, sobreviveu à custa dos cocos e de pequenos peixes aflitos, presos entre as algas, os quais devorava crus. O calor e o excesso de humidade provocavam-lhe atrozes cefaleias. As rochas rasgavam-lhe os pés. Cruéis nuvens de mosquitos tinham-lhe deixado a pele em ferida. Desesperado, ansiando por um pouco de frescura, enfrentou a ira dos macacos e entrou no bosque. Uma pedra atingiu-o na nuca e desmaiou. Não sabe por quanto tempo permaneceu desacordado. Quando recuperou os sentidos estava no céu, estendido, de costas, no cesto exíguo de um pequeno balão salva-vidas, com uma ligadura na cabeça. Encontrou, ao seu lado, um enorme cacho de banana-pão e dois garrafões com água. Mais nada. Teve sorte. Antes de terminar de comer as bananas, antes que a água se esgotasse, foi descoberto por uma balsa pesqueira norueguesa. Não lhes falou na ilha. Nunca acreditariam nele. Além disso, não saberia explicar como fora parar dentro de uma balsa salva-vidas. Disse-lhes que era mergulhador-coletor, e que o seu aeróstato sofrera uma avaria grave, perdera hélio, e abatera. Tivera apenas tempo para insuflar um balão salva-vidas e colocar nele alguns mantimentos. Viajou durante um ano com os noruegueses, pescando, conhecendo aldeias e divertindo-se a inventar histórias (Mang é um grande contador de histórias). Finalmente, deixaram-no em Jakarta, onde reencontrou familiares e se reconverteu ao delicado negócio das sedas.

Correram anos atrás de anos.

O tempo, aliás, não faz senão correr. Por vezes, em certas tardes soalheiras, quando no céu nada se move, acreditamos que adormeceu, mas é uma ilusão. Nós, sim, adormecemos. O tempo nunca se cansa.

Sibongile assistiu a inúmeros assaltos. Participou em alguns. Os seus sonhos ajudavam Boniface a selecionar os alvos. Certa ocasião, ao atacarem uma pequena aldeia americana, foram recebidos a tiro. Recuaram a custo, arrastando feridos. No regresso à Española Way, alguns dos piratas voltaram-se contra a sul-africana, aos gritos, acusando-a de pouco empenho nos sonhos. Acusação, aliás, com algum fundamento: a sangoma perdera a alegria de sonhar e desleixava-se a lançar os ossos. Um dos piratas, um

nigeriano gigantesco, com braços grossos como troncos de imbondeiro, um pescoço de touro, esbofeteou-a:

– Bruxa! Vais morrer!

Boniface tomou a defesa dela. Talvez porque se afeiçoara à sangoma. Talvez por considerar que ali, no Española Way, só a ele cabia o direito de decidir sobre a vida e a morte de quem quer que fosse. A discussão amargou, subiu de tom, entre ásperos brados e acusações, até que o capitão dos piratas sacou da pistola e disparou contra o nigeriano, atingindo-o numa perna. Os outros piratas juntaram-se em redor do companheiro. Boniface e Sibongile foram recuando. Conseguiram alcançar uma das lanchas rápidas e fugiram.

Por sorte, o Paris vagava perto. Boniface trazia dez diamantes escondidos nas pregas do blusão. Duas dessas pedras serviram para subornar os polícias de fronteira do dirigível, pois nem o norte-americano nem a sul-africana, possuíam documentos, além de que teriam de explicar o que faziam, perdidos entre as nuvens, numa lancha rápida sem nome nem registo.

Uma vez no Paris, a relação entre os dois azedou-se. Sibongile pensou em denunciar Boniface às autoridades francesas. O norte-americano recordou-lhe que, embora contra vontade, ela própria havia participado em ações de pirataria. E, assim, a sangoma voltou a lançar os ossos, lendo o destino dos pobres emigrantes, em troca de um prato de comida.

Sibongile não voltara a sonhar com Mang. Convenceu-se de que o indonésio havia morrido. Mang, de novo no céu, procurou por ela. Pesquisou no Facebook. Nunca a encontrou. No Española Way, como é óbvio, ninguém acedia às redes sociais. No Paris, sim, toda a gente, com exceção dos passageiros clandestinos.

– O que é que um passageiro clandestino mais ambiciona? – Sibongile fez a pergunta, sorriu, e ela mesma deu a resposta. – A invisibilidade. Assim, continuei invisível.

Não fosse a mão caprichosa do acaso, e os dois jamais se teriam reencontrado. Certa noite, num bar, Mang escutou um comerciante de sedas contar como uma mulher africana o salvara da morte:

– Estava no Paris, em negócios. Saía de um restaurante, acompanhado por um dos meus clientes, quando aquela mulher se postou diante de mim. *No teu regresso a Jakarta,* disse-me, de olhos fechados*, não te detenhas em*

Mumbai. Se o fizeres, morrerás num incêndio. Não lhe prestei atenção. Na viagem de regresso deu-se a coincidência de Mumbai se atravessar no meu caminho. Não conheço Mumbai. Pensei em jantar por lá, em pernoitar, mas logo me lembrei do aviso da mulher, e desisti. Prossegui viagem. Soube, horas depois, que acontecera um terrível incêndio na aldeia. Estavam a fazer um filme, um daqueles filmes cheios de música e de romance, que eles fazem em Mumbai, e nesse filme acontecia um incêndio. Perderam o controlo do falso fogo, e o fogo real matou muita gente.

Mang empalideceu. O coração aos saltos dentro do peito:

– Essa mulher tem uma marca na testa? Uma meia lua?

O comerciante confirmou. Acrescentou que pretendia regressar em breve ao Paris, para lhe agradecer. Mang deu-lhe o seu endereço de correio eletrónico, solicitando que o passasse à sangoma. Sibongile ficou eufórica ao saber que Mang estava vivo.

– E os sonhos? – perguntei-lhe. – Porque não sonhaste tu com este encontro?

A sangoma fingiu-se ofendida com a pergunta:

– Não vejo o meu próprio futuro! Não quero. Avançar por um futuro já sonhado é como viver uma vida que outra pessoa já viveu por mim.

Décimo capítulo

*(**Nuvens**: água em estado onírico. O alfabeto do céu.)*

Os meus olhos viajam mais do que as minhas pernas. O meu pensamento mais do que os meus olhos. Sentei-me no convés, contemplando o laborioso espetáculo do vento esculpindo nuvens, criando, a cada instante, novas figuras. Aquilo sempre me fascinou. As minhas nuvens preferidas são os raros cirros Kelvin-Helmholtz, um fenómeno que ocorre quando a parte mais alta das nuvens se movimenta a uma velocidade superior, relativamente à parte mais baixa, desenhando ondas no céu. Lembram por vezes notas de música sobre uma pauta azul.

Podia ver a Nova Esperança, deslizando duzentos metros à nossa frente. Mang e Sibongile haviam-se mudado para a balsa-fantasma. Vera ficara connosco. Dava-se muito bem com Aimée. Os papagaios voavam entre os dois balões, gritando uns com os outros na sua língua misteriosa. Enquanto observava as nuvens, ia listando os mistérios com que, nas últimas semanas, o destino me brindara:

1. O que pretendia Boniface do meu pai?
2. O que acontecera à família da pequena Vera?
3. Quem socorrera Mang, na Ilha Verde, e o devolvera depois ao céu, numa balsa salva-vidas?

Nada parecia ligar os três enigmas. Eu, contudo, sentia que sim, que se amarravam uns aos outros, firmemente, como os cabos de uma rede, formando, no conjunto, um desenho lógico e musical. Sibongile concordava comigo:

– Temos de encontrar a Ilha Verde – assegurara, horas antes, ao jantar, numa voz cheia de certezas. – Encontrando a Ilha Verde encontraremos todas as respostas.

– E como encontramos a Ilha Verde?

Mang propôs-se falar com os pescadores noruegueses que o haviam resgatado. No diário de bordo da balsa pesqueira teriam de estar registadas as coordenadas onde ocorrera o resgate. A seguir, para localizar a Ilha Verde, bastar-nos-ia estudar a direção e a velocidade dos ventos durante as

duas ou três horas anteriores. Isto, admitindo que o indonésio permanecera desacordado, em razão da pancada – ou, mais provavelmente, de alguma droga administrada a seguir – durante não mais do que duas ou três horas. Era um plano simples e, como quase todos os planos simples, resultou. Os noruegueses não demoraram a responder. Com aquela informação encontrámos, em poucos minutos, as coordenadas da Ilha Verde, ou melhor, da área onde supúnhamos que esta se situasse. Debrucei-me sobre os mapas com uma sensação de vertigem:

– É na Amazónia, caramba! A Ilha Verde fica muito próximo de São Gabriel da Cachoeira, onde o meu pai nasceu.

Com efeito, as coordenadas apontavam para uma região identificada como Pico da Neblina. Aimée assobiou, também ela espantada:

– Na Amazónia – onde ficava a floresta?! Uau!...

Consultei uma enciclopédia eletrónica. Antes do Dilúvio, o Pico da Neblina erguia-se até muito perto dos três mil metros de altitude. No topo, de noite, a temperatura podia descer até aos zero graus.

Procurei Júlio no Facebook. Não estava *online*. Deixei-lhe várias mensagens. Aguardei ansioso por uma resposta. A Internet funciona mal. Sofre avarias frequentes, incluindo nas rotas mais frequentadas. Existem, depois, vastíssimas zonas cegas, um «céu selvagem» ou «um céu sem Deus», como gostam de dizer os navegadores solitários que as aldeias e grandes cidades se esforçam por evitar. Impedidas de solicitar ajuda, as aldeias que tombam numa zona cega convertem-se em vítimas fáceis dos piratas. Além disso, sem acesso a cartas do céu atualizadas, e à respetiva informação meteorológica, a navegação torna-se difícil e perigosa. Talvez Luanda estivesse a atravessar um desses pântanos. O mais provável, porém, é que o silêncio fosse apenas resultado de alguma avaria.

Estabelecemos uma rota e avançámos em direção ao Pico da Neblina. Calculámos que levaríamos pelo menos vinte e três dias a alcançar o nosso destino. Ao décimo dia, estava eu sentado no convés, observando as nuvens e listando mistérios, quando Aimée irrompeu, aos gritos, vinda da cabina de pilotagem:

– Tomaram Paris! Os piratas tomaram Paris!...

Ergui-me de um salto:

– Quem tomou Paris?!

Aimée encarou-me muito pálida:

– Boniface. O Boniface tomou Paris!

Acabara de receber uma mensagem do irmão. Boniface tomara o controlo do dirigível. Subornara uma parte da pequena força policial do Paris, incluindo o Chefe da Segurança, e prendera os restantes. Prendera também todo o governo, incluindo Jean-Pierre Longuet, o pai dos dois irmãos. Alain refugiara-se em casa de um amigo. Conseguira enviar a mensagem antes que os piratas cortassem a Internet. Fiquei estupefacto:

– Nunca aconteceu nada semelhante, isto de piratas tomarem o controlo de um dirigível. As grandes cidades vão reagir.

A minha previsão confirmou-se: as horas que se seguiram foram agitadas. Os governos do New York, Washington, Tokio, Xangai, New Delhi, São Paulo, Ciudad de México, Berlin e London emitiram um comunicado conjunto, condenando a ação e exigindo a rendição incondicional dos piratas e a libertação de todos os prisioneiros. Os salteadores não responderam. Segundo o *The Sky Monitor*, um dos meus jornais preferidos, os americanos estariam a ponderar uma invasão do Paris. As restantes cidades opuseram-se, alegando que tal intervenção ameaçaria a segurança de todos os parisienses.

A seguir aconteceu algo quase tão imprevisível quanto a tomada do Paris: o grande dirigível cortou todas as comunicações, afastou-se da Estrada das Luzes e desapareceu.

Aimée recusava-se a comer, recusava-se a dormir, agarrada ao computador:

– Tanto silêncio, tanto silêncio...

A mim afligia-me o silêncio do Paris e o silêncio de Luanda. Pensava em Manu. Fechava os olhos e voltava a vê-lo, travando, a soco, o avanço dos homens de Boniface.

O que acontecera ao meu amigo?

E porque Boniface se arriscava tanto?

Ele era ambicioso, violento, e raramente demonstrava compaixão. Todavia, não me parecia lunático, e muito menos estúpido.

Juntei mais um mistério à minha lista.

Entretanto, fomos navegando.

Numa tarde de céu muito limpo encontrámos um Manned Cloud. Flutuava a poucos metros da água. Ao aproximarmo-nos vimos que, no

oceano, uma enorme baleia acompanhava o lento avanço do hotel, talvez enamorada daquele outro cetáceo voador, lá em cima, tão elegante e luminoso.

Percebemos, estudando os mapas, que, para alcançar o Pico da Neblina, teríamos de mergulhar, também nós, numa zona cega. Um deserto imenso à nossa frente. Um vasto céu sem deuses. Aimée, ansiosa, insistiu para que aguardássemos mais alguns dias. Queria saber notícias dos pais. Abracei-a:

– Sim, vamos esperar mais dois ou três dias. Mais uma semana. Precisamos de saber o que se passa no Paris e em Luanda. Sinto que tudo isto está ligado.

– Sem dúvida – concordou Sibongile. – Já te disse isso. Está tudo ligado. Infelizmente, não podemos esperar. Não temos mantimentos para muitos mais dias. Precisamos de avançar.

Assim, avançámos.

Não foi como cair num poço. Havia a luz exuberante pulsando no interior da bruma. O próprio silêncio parecia iluminado.

Todavia, foi como cair.

Sem Internet não conseguíamos sequer comunicar entre as duas balsas, a não ser aos gritos, através de megafones. Optámos por navegar o mais baixo possível, não só para melhor podermos ver a Ilha Verde – caso ela se desse a ver –, como também para escaparmos aos olhares de eventuais salteadores. Pairávamos entre um bafo de dragão. Se saíssemos para o convés, o calor e a humidade colavam-nos a roupa à pele em escassos minutos. Os papagaios andavam tão irritados, ralhando e brigando uns com os outros, que decidimos recolhê-los na biblioteca, onde podiam gozar a frescura do ar condicionado. Surpreendentemente, portaram-se bem. Passaram a sussurrar, sempre na mesma língua redonda que a pequena Vera parecia compreender tão bem, rindo e conversando com eles.

– Do que falam? – perguntou-me Aimée. – Porque eles falam, não falam?

Juntei mais um mistério à minha lista.

Fazíamos turnos no convés, vigiando o céu e o mar (raramente víamos o mar). À terceira noite, Aimée despertou-me:

– Peixes! – murmurou perplexa. – Milhares de peixes, e voam!

– Viste peixes voadores? Viste-os com os binóculos?

Aimée sacudiu a cabeça, num «não!» vigoroso e incrédulo:

– Não compreendes, Carlos. Eles estão aqui, voam ao redor das balsas. Têm olhos azuis. Olham para mim como se me conhecessem.

– Certamente adormeceste – retorqui, forçando um sorriso. – Adormeceste e sonhaste.

Levantei-me e saí para o convés. Debrucei-me na balaustrada. A noite abraçou-me, quente e ensopada. Surpreendeu-me o seu hálito doce. E então vi-os. Dançavam à nossa volta. Vinham de longe, do fundo abismo, como uma correnteza de prata. Giravam entre nós e a Nova Esperança. Detinham-se, por instantes, junto ao cristal das janelas, talvez surpreendidos com o seu próprio reflexo, e era possível distinguir as duras escamas, as barbatanas longas como asas, os redondos olhos azuis.

– Acreditas agora? – soprou Aimée. – Devem ser milhares. Talvez milhões.

Eu já ouvira falar em alucinações coletivas. Consta que em certas áreas do céu, voando muito baixo, se corre o risco de inalar um gás alucinógeno produzido pela decomposição de um grande número de algas de uma espécie muito rara. A acumulação de algas costuma ocorrer em redor de atóis ou ilhéus mortos.

Arrastei Aimée para a cabina de pilotagem e servi-lhe uma das infusões que trouxéramos de Jakarta. Falei-lhe nas algas. Riu-se até às lágrimas:

– Queres dizer que não há nada lá fora? Aqueles peixes voam na nossa cabeça?

Na manhã seguinte chamei Sibongile pelo megafone. Lançámos uma ponte entre as balsas e o casal juntou-se a nós. Mang estava agitadíssimo:

– Vocês viram aquilo, esta noite?

– Os peixes?

– Peixes? Que peixes? A noite estava cheia de borboletas fosforescentes.

Sibongile sacudiu os ombros, agastada:

– Não sei o que este tipo andou a fumar. Acordou-me a meio da noite com esta história das borboletas. Mandei-o passear e voltei a dormir.

Falei-lhes das algas e da nossa própria experiência. Mang também escutara histórias semelhantes. Contou que um dos primos, mergulhador-coletor, vira sereias a dançar num atol. Ele e os cinco homens que o acompanhavam:

– Regressaram a Jakarta numa espécie de transe. Durante meses só

falavam naquilo. As pessoas riam-se deles. A mim, o que me pareceu mais estranho foi contarem todos a mesma história.

Olhei-o de frente. Respirei fundo e disparei:

– A tua ilha, a Ilha Verde, não será também o resultado de uma alucinação?...

Mang encarou-me, ofendido:

– Estás a dizer que imaginei a ilha?!

– A ilha talvez não. Estavas num pequeno barco. Sentias-te cansado, desesperado, sufocado pelo calor. Chegaste a uma ilha cercada por algas. Talvez tenhas visto árvores onde havia apenas rochas. Macacos que não estavam lá. Depois tropeçaste, caíste, bateste com a cabeça...

– E o que aconteceu a seguir? Como fui parar dentro de uma balsa salva-vidas? Também seria uma alucinação? Achas que ascendi aos céus a bordo da minha própria alucinação?

Não pude deixar de rir. Mang tinha razão. Alguém viveria ali, naquela ilha, alguém compassivo o suficiente para se dispor a salvar um desconhecido, colocando-o, com considerável dispêndio de recursos e energias, numa balsa salva-vidas e enviando-o de volta ao céu. Por outro lado, alguém que não queria ser contactado. Alguém que pretendia manter um segredo.

Décimo primeiro capítulo

*(**Esperança**: é o nome que damos às nuvens quando nos falta a água.)*

NAVEGAR ÀS ESCURAS, ISTO É, SEM RECURSO à Internet, implica grandes riscos, em especial de noite, durante um temporal ou em condições de nevoeiro denso. O maior risco é o da colisão com outros aeróstatos. Numa manhã de sábado, afundámo-nos numa bruma tão espessa que foi como se tivéssemos caído num boião de iogurte. Uma voz que parecia vir de toda a parte à nossa volta quebrou, de súbito, o largo silêncio:

– Quem são vocês?!

Corri para o convés, assustado, tentando ver alguma coisa para além da infinda brancura. Nada. A voz voltou a gritar:

– Identifiquem-se!

A Nova Esperança seguia alguns metros atrás de nós, presa por um cabo. Também não a conseguia ver. Apenas via o cabo desaparecendo na bruma. Aimée veio ter comigo:

– Serão piratas?

– Não vejo nada. Quem quer que seja, está onde?

– Sim, e como nos descobriu?

A voz voltou a fazer-se ouvir:

– Por favor, identifiquem-se!

Mang gritou:

– Identifique-se você primeiro!

Fez-se um breve silêncio, logo seguido por uma gargalhada feliz:

– Certo, amigo. Chamo-me Patrick Maciel e sou o capitão da balsa francesa Montparnasse. Quem são vocês?

Levantei o megafone:

– Carlos Tucano, capitão da balsa angolana Maianga. O senhor é o Patrick Maciel, autor de *Voando na Noite?*

– Leu o meu livro?

– Li esse e todos os outros. Trago-os sempre comigo. Podia autografá-los?

Minutos mais tarde tinha Patrick Maciel na minha biblioteca, sentado, a beber chá. Era um homem já idoso, de cabelo branco, cortado rente, e rosto seco e anguloso. Trazia uns óculos escuros, de aros redondos, que pareciam

solidamente aparafusados ao crânio. Ficou admirado ao escutar a voz de Aimée:

– Aimée, és mesmo tu?! Fugiste do Paris?

– Mais ou menos...

Patrick sorriu, divertido:

– Fizeste bem. Todos os parisienses deviam fugir, de vez em quando. Voltariam mais ricos e, ao mesmo tempo, mais humildes. E os teus pais?

– Você sabe o que aconteceu com o Paris?

– Sim, claro. Sou cego, mas ouço as notícias. Por isso pergunto pelos teus pais...

Aimée não sabia nada. Temia pelo pai e pelo irmão. Sobretudo pelo irmão. Contámos a Patrick o que sucedera connosco (omitindo a parte da Ilha Verde). O navegador solitário escutou-nos, espantado, mas sem nos interromper. Terminou de beber o chá, pensativo:

– Eu segui-o...

– Como?

– Eu vinha seguindo o Paris. Perdi-o há dois dias...

Patrick regressava a casa, após uma longa viagem, durante a qual visitara diversas cidades e aldeias brasileiras. Existem no céu quatro grandes cidades brasileiras – São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre – e uma dúzia de aldeias. As cidades e aldeias brasileiras movem-se em arquipélago, ou seja, nunca se afastam muito umas das outras. Protegem-se e auxiliam-se. Quando os piratas tomaram o controlo do dirigível, Patrick visitava o Recife, uma aldeia com perto de cinco mil pessoas.

– Ainda falei com o teu pai. Depois os bandidos cortaram as comunicações.

– Como os conseguiste seguir? Aliás, como deste por nós, no meio deste nevoeiro, sem comunicações?

Patrick riu-se:

– Ah! Esse é o meu segredo. Aprendi a escutar o vento.

Pensei que estivesse a brincar:

– Foste capaz de nos localizar no meio do nevoeiro, apenas escutando o vento?

– Sim, vocês, que veem, tendem a desvalorizar outros sentidos, como o olfato e a audição. Nasci cego, mas, é claro, também me sirvo de

instrumentos de navegação e uso a Internet. Contudo, aprendi a ouvir o vento. Um grande dirigível avançando à minha frente, numa noite calma, produz um rasto sonoro bastante fácil de seguir. Assim, fui atrás dele e, enquanto o fazia, informei Washington e outras grandes cidades. Fiz isso, claro, antes de eles mergulharem neste céu sem Deus. A seguir, para piorar tudo, deixei-me vencer pelo sono. Adormeci durante alguns minutos e quando despertei tinha-os perdido.

– Acha que ainda podemos encontrar o Paris?

Patrick teve um gesto de desânimo:

– Talvez. Mas teremos de nos guiar pelos sonhos.

Sibongile, que, entretanto, se juntara a nós, riu-se:

– Sonhos? Isso é comigo.

Expliquei a Patrick que sonhar faz parte importante do ofício de Sibongile. O francês não se mostrou muito impressionado. Intrigou-o, isso sim, a história de Vera Regina e do balão-fantasma. Acariciou o cabelo da menina. Prestou atenção, enquanto ela conversava com os papagaios naquela língua de sombras. Vi-o franzir o sobrolho, perplexo:

– Eu conheço essa língua!

– Como?!

Aimée duvidou:

– Não é língua nenhuma. São os papagaios imitando o linguajar dos bebés.

– Não, não! – irritou-se Patrick. – Estou a reconhecer algumas palavras. Parece-me hebraico!

– Hebraico?

– O hebraico é uma língua muito antiga, afro-asiática, que foi desaparecendo, pouco a pouco, ao longo dos séculos, até renascer, nos finais do século XIX, ganhando estatuto oficial com a criação do Estado de Israel, em 1948. A Bíblia foi escrita no antigo hebraico, e também em aramaico e em grego.

Aimée escutava-o, perplexa:

– E agora, no céu, ainda há quem fale hebraico?

– Sim. Há pelo menos duas aldeias, Tel-Aviv e Jerusalém, onde ainda se fala hebraico. Eu estive em Jerusalém, há alguns anos, tenho amigos lá.

Lamentei a falta de rede. Se tivéssemos Internet, poderia procurar de novo

na Skypedia. Presumindo que a Nova Esperança fosse israelita, seria fácil identificá-la. Patrick concordou. Depois, inclinou-se para mim e perguntou-me:

– De que é que vocês estão à procura?

Assustei-me:

– Como?!

– Ninguém abandona a Estrada das Luzes se não for por um motivo muito forte. Vocês não estão aqui, como eu, porque iam atrás do Paris. Então, porque estão aqui?

Olhei para Sibongile. Ela levou o dedo indicador aos lábios. Não valeu de nada. Eu já tinha decidido contar tudo. O navegador solitário não mostrou o menor sinal de ceticismo. Quando terminei deu-me uma pequena pancada no ombro, como para me animar:

– Ah! Agora sei o que os piratas querem...

– Acha que também eles estão à procura da Ilha Verde?

– Tenho a certeza.

– E você acredita nisso – na Ilha Verde?

– Claro. Acho que todos nós, que nascemos na terra, continuamos a acreditar que um dia regressaremos.

Nessa noite jantámos juntos na Maianga. Decidimos organizar turnos, no convés, para o acaso de tropeçarmos no Paris.

Sibongile tomou um chá de camomila e foi trabalhar.

Ou seja: deitou-se e adormeceu.

Acordou, na manhã seguinte, muito agitada. Tivera (ela dizia «vivera») um sonho intenso e um tanto estranho.

Décimo segundo capítulo

*(**Vida**: é tudo o que sonha.)*

UMA SANGOMA, AFIRMA SIBONGILE, aprende a surfar nos sonhos. Isto é, enquanto as pessoas comuns são arrastadas e enroladas pelos sonhos, guardando deles só uma confusa soma de imagens, os sonhadores profissionais conseguem manter-se à superfície e escolher a melhor direção a tomar. Ao despertarem, não só se recordam dos sonhos, como conseguem extrair deles eventuais ensinamentos sobre o futuro.

– Um sonho não nos dá certezas – acrescenta Sibongile. – Mas pode indicar-nos pistas.

Naquela noite, Sibongile não sonhou nem com o Paris, nem com o Pico da Neblina. Sonhou com uma ilha, no céu, feita de pássaros. Milhões de pássaros voando tão próximos uns dos outros, e numa formação tão cerrada, batendo as asas em sintonia, que um homem podia correr sobre eles, ou, então, estender-se sobre aquele tapete de penas vivo, e adormecer.

Aimée gostou da ideia:

– E vivia gente nessa ilha?

– Sim. Um homem com cabeça de pássaro!

Ri-me:

– E o que diabo isso quer dizer?

A sangoma ergueu ambas as mãos e abriu muito os olhos, numa divertida expressão de desalento:

– Não faço a menor ideia.

Discutimos o sonho de Sibongile durante a manhã inteira. Não conseguimos chegar a nenhuma conclusão. Almoçámos e fui-me estender numa rede, na biblioteca, a fazer a sesta. Aimée despertou-me:

– Patrick diz que lhe cheira a capim molhado...

– Cheira-lhe a capim?! E a que raio cheira o capim?

– A capim, acho eu. Uma das coisas que mais me irrita nos velhos é isso dos cheiros. Os cheiros das coisas que não existem mais.

Concordei com ela. Saltei da rede pensando nos mil aromas que haviam desaparecido com o Dilúvio e aos quais, vez por outra, os meus pais faziam referência. O cheiro de pelo de cão. O cheiro das goiabas maduras. O cheiro da ginguba torrada. O cheiro da terra depois da chuva. O cheiro do café

saindo da máquina. Etc., etc. Alguns parecem-me absurdos, ou melhor, parece-me absurdo sentir nostalgia por certos cheiros mortos como, por exemplo, para referir um dos favoritos da minha mãe, o perfume da cozinha depois de limpa com detergente.

Encontrei Patrick no convés, juntamente com Sibongile e Mang, os três debruçados sobre a amurada, cheirando desesperados o espesso nevoeiro. Era um espetáculo tão estranho que tive de fazer um esforço enorme para não me rir:

– Então, cheira-vos a capim molhado?

Patrick, que, como já referi, possuía um ouvido apurado e educadíssimo, adivinhou a dúvida (o grão de troça) na minha voz. Voltou-se para mim, e, por instantes, pareceu-me triste e muito velho:

– Está alguma coisa lá em baixo, e eu acho que se parece com a minha infância.

– Sabes que só com muita sorte poderíamos estar agora sobrevoando o Pico da Neblina. Sem Internet, sem possibilidade de aceder a dados climáticos e aos sistemas de navegação, devemos ter-nos afastado bastante da rota original.

– Ah, meu rapaz! – suspirou Patrick. – Precisas de aprender a respeitar a sorte, essa deusa maliciosa. Vamos descer, vamos?

Fui para a cabina de pilotagem e fiz descer a balsa, muito devagar. Se a minha cabeça duvidava, o meu coração queria acreditar. Então, Aimée abriu a porta e gritou:

– Para!

– Paro?!

– Sobe! Temos de voltar a subir...

Compreendi logo:

– É o Paris?

– Sim – confirmou Aimée. – Está mesmo por baixo de nós.

– O que faço?

– Sobe devagar, tentando manter a posição.

Um grande dirigível dispõe de meios para permanecer imóvel, mesmo sem ligação à Internet. No caso de uma balsa, porém, tal operação é muito mais difícil, em particular no meio de um nevoeiro cerrado, ou seja, sem pontos de referência.

– Se nos mantivermos acima deles talvez não deem por nós. Vou subir um pouco, mas de forma que vocês não deixem de os ver. O que o fazemos a seguir?

– O Patrick vai descer.

– Como?

– O Patrick vai entrar no Paris.

Entreguei-lhe o comando da balsa e corri para o convés. Mang ajudava Patrick a vestir um arnês. Prendeu-lhe um dos cabos que utilizávamos para mergulhar. Interrompi-o:

– Pretendes entrar no Paris?!

– Vou entrar. Desço até uma das redes, as mesmas onde caiu o teu pai, e depois procuro uma entrada. Conheço o Paris tão bem quanto a minha própria balsa. Há várias entradas para o pessoal da manutenção.

– Vamos admitir que consegues entrar. Uma vez lá, dentro da cidade, o que tencionas fazer?

– Primeiro, prendo este cabo ao Paris, o que facilitará muito o teu trabalho. E depois entro e vejo o que se passa.

Achei curioso que ele utilizasse o verbo ver. Sorri:

– Entretanto, o que fazemos nós?

– Esperam...

– Em prontidão combativa, como diria o meu pai?

– Exatamente, em prontidão combativa. Se alguma coisa estranha acontecer, por exemplo, se os piratas largarem uma lancha rápida, vocês soltam o cabo e fogem. Escondem-se no nevoeiro, onde só um cego será capaz de vos encontrar.

Rimo-nos. Patrick saltou a amurada e começou a descer. Vi-o alcançar uma das redes de proteção. Fez um gesto largo na nossa direção e desapareceu. Durante uns bons minutos ninguém falou. Por fim, Mang sugeriu que um de nós permanecesse ali, de plantão, com os binóculos, vigiando o Paris. Aimée disse que ficaria. Retorqui que, nesse caso, ficaria com ela. Sibongile piscou-me o olho:

– Pois ficam ambos muito bem acompanhados.

Esperámos mais de uma hora, suando intensamente. Os olhos ardiam-me. Doía-me a cabeça. Passava das dezoito horas. A noite emergia devagar. A determinada altura julguei sentir um puxão no cabo. Espreitei e vi, lá em

baixo, entre as sombras e a névoa, uma figura que ascendia. Não era Patrick. O francês vestia de branco, confundindo-se com o nevoeiro, e quem quer que estivesse subindo trazia vestida uma camisa vermelha:

– O que fazemos?

Aimée olhou-me, aflita, mas determinada:

– Corta o cabo!

– Não! Isso seria um assassinato! Esperamos...

Foi uma boa decisão. Após dois minutos de angústia, Aimée gritou:

– Alain!

Mais dois minutos e Alain saltou para o convés e estreitou Aimée num prolongado e comovido abraço:

– Ufa! Pensei que não fosse conseguir. Tenho de começar a frequentar um ginásio...

Só depois pareceu reparar em mim. Estendeu-me a mão:

– Tens tratado bem da minha irmãzinha?

Fomos para a biblioteca, onde já se encontravam Mang e Sibongile, na companhia da pequena Vera. Enquanto bebia um chá gelado, Alain pôs-nos ao corrente do que se passara nos últimos dias no Paris, a começar pelo fim, isto é, pelo momento em que, minutos antes, tropeçara no navegador solitário. Na verdade, fora Patrick que tropeçara nele. Após a nossa fuga, os pais fecharam-no no quarto, impedindo-o de aceder a qualquer computador, o que era para o rapaz o pior dos castigos. À terceira noite forçou a fechadura (tudo o que Aimée sabia sobre fechaduras aprendera com o irmão) e fugiu. Levou água, barras de cereais, uma caixa de peixe seco e um minúsculo computador portátil, refugiando-se num dos corredores, raramente frequentados, que conduziam às redes de proteção. A partir dali, comunicando com amigos, acompanhou a tomada do dirigível pelos piratas. Paris não estava preparada para nada semelhante. Havia um plano contra eventuais ataques desde o exterior. A ninguém ocorrera, contudo, que o inimigo pudesse encontrar-se dentro da cidade. Ao longo dos anos, Boniface conseguiu fazer entrar, clandestinamente, uma dúzia de piratas e outros malfeitores. Contava, além deles, com vinte e poucos rufias parisienses, bem pagos, juntamente com vários polícias corruptos. Assaltaram a ponte de comando, ao mesmo tempo que prendiam os membros mais proeminentes do governo, incluindo Jean-Pierre Longuet. Nos dias seguintes imperou o

medo. Qualquer pessoa que ousasse erguer a voz em público contra os novos senhores era imediatamente presa. O governador, cinco ministros, uma dúzia de polícias e dois cidadãos mais exaltados foram colocados numa balsa e lançados ao céu. Perguntei-lhe se tivera notícias de Manu. Riu-se, triunfante:

– Manu está connosco. Escondeu-se, assim que soube do golpe. Caso contrário, talvez o tivessem matado.

– Há mais gente escondida?

– Somos poucos. Temos de andar sempre em movimento, porque os piratas fazem rusgas frequentes. Felizmente, as pessoas estão do nosso lado. Ajudam-nos. Manu, por exemplo, tem estado escondido em casa de amigos. Todas as noites muda de apartamento.

– O que querem eles?

– Bem, eu consegui aceder ao computador do Boniface, ainda que só por alguns minutos...

– E então?

– Creio que Boniface está à procura de uma ilha e de um tesouro, de um tesouro numa ilha, ou talvez a ilha seja o tesouro. Não compreendi bem.

– Acho que compreendeste – disse Sibongile. – A ilha é o tesouro.

– Ao que parece encontraram-na, a essa ilha. Boniface desceu. Ele e mais uns dez piratas. Patrick acha que é o momento certo para tomarmos Paris.

– E Boniface?! – perguntou Aimée. – E se ele volta?

– Não volta.

– Não volta?

– Não! A esta altura Patrick e Manu já devem ter soltado os cabos que eles tinham lançado para descer e prender o dirigível. Boniface ficou na tal ilha, espero que se dê bem por lá.

Sibongile saltou da cadeira:

– O que dizes tu?! Eles soltaram os cabos?!

Mang segurou-a:

– Calma!

– Calma?! Os estúpidos soltaram os cabos. Vamos perder a ilha...

– A ilha não sai do lugar. Voltaremos.

– Voltaremos como? Vamos perdê-la...

Levantei-me:

– Se vocês quiserem podem embarcar na Nova Esperança e ir à procura da ilha. O problema é que, entretanto, caiu a noite. Não sei se ainda vão a tempo. A alternativa é ficarem aqui, connosco, e ajudarem-nos a recuperar o Paris.

Sibongile e Mang falaram ao mesmo tempo, ela dizendo que iriam à procura da ilha e ele manifestando a intenção de se bater pela reconquista do Paris. Discutiram um com o outro, em rápidos sussurros, como dois corvos afónicos. Por fim, Sibongile concordou com Mang, embora sem esconder a irritação:

– Muito bem, vamos ajudar-vos, na condição de que, a seguir, admitindo que tudo corre bem, vocês venham connosco à procura da ilha.

Alain, que seguira, perplexo, toda a discussão, não se conteve:

– Mas, afinal, o que há nessa ilha?

Sibongile encarou-o furiosa:

– Terra! Terra firme! A liberdade de caminhar sobre terra firme. É esse o tesouro que nós procuramos. Algo que vocês nunca poderão compreender.

Alain sacudiu a cabeça, impaciente:

– Eu sei o que é terra. Não gosto do cheiro.

Interrompi-os:

– Os piratas estão armados. Como é que vocês pretendem lutar contra eles?

Alain estava preparado para aquela questão. Sabia onde era a armaria e achava-se capaz de abrir a porta que lhe dava acesso, bem como qualquer outra no interior da cidade. Em poucas palavras, pôs-nos ao corrente do plano que, em cinco minutos, ele e Patrick haviam concebido:

1. Patrick cortaria os cabos, deixando Boniface e dez dos seus melhores homens abandonados na ilha.
2. Um primeiro grupo iria libertar os polícias presos.
3. Um segundo grupo assaltaria a armaria.
4. Os dois grupos juntar-se-iam depois para ocupar a ponte de comando do Paris, neutralizando os piratas que lá se encontrassem, e assumindo o controlo da cidade.
5. A seguir perseguiríamos e prenderíamos os restantes piratas e polícias corruptos.

6. Por fim, regressaríamos à Estrada das Luzes, entregando o poder às autoridades legítimas.

Quis saber com quantas pessoas poderíamos contar no Paris. Alain deteve-se um momento, como se estivesse a fazer contas:

– Ora bem...

– Quantas?

– Temos o Manu, o Patrick e um outro amigo meu, o Maurice. Três! O Maurice foi com o Patrick soltar os cabos.

Rimo-nos todos.

– Alguém terá de ficar aqui na Maianga, com a pequena Vera. Fica a Aimée...

Aimée olhou-me, indignada:

– Eu?! E quem achas que vai abrir as portas? Se vamos dividir-nos em dois grupos, em ambos terá de estar alguém capaz de abrir portas. Alain vai num dos grupos, e eu no outro. Além disso, sei lutar. Tu por acaso sabes lutar? Não! Então ficas a tomar conta da menina e da tua balsa...

Mang riu-se:

– Parecem-me argumentos muito sólidos.

Sibongile veio em meu socorro:

– Eu fico.

Minutos depois descíamos os quatro pelo cabo, em *rappel* livre ou «em negativo», que é como se chama às descidas quando não há contacto com nenhum tipo de parede. Saltei para a rede. Uma luz ténue, vinda das janelas da cidade, iluminava a noite. Alguém avançou para mim, uma figura enorme, rindo e gritando o meu nome. Reconheci Manu. Abraçou-me. Apresentei-o a Mang. Disse-lhe que o indonésio era um excelente lutador de *pencak silat* e de *eskrima*. Os conhecimentos dele poderiam ser-nos muito úteis. Patrick apareceu nessa altura, na companhia de um jovem muito alto, delgado como um lápis, com os cabelos pintados de um azul-elétrico. Deduzi que fosse Maurice.

– Bem-vindos ao Paris! – saudou-nos Patrick. – Até este momento correu tudo bem. Não encontrámos ninguém no porto. Eles estão tão seguros que não se preocuparam em deixar sentinelas. Soltámos os cabos. Agora temos de ser rápidos, pois não vai demorar muito até descobrirem que o Paris está à

deriva.

Dividimo-nos então em dois grupos: eu, Aimée e Manu assaltaríamos a armaria, enquanto Alain, Maurice, Patrick e Mang iriam libertar os polícias. A armaria fica junto à ponte de comando. Os polícias, esses, estavam presos num barracão, perto da casa das máquinas, quase no extremo oposto do dirigível. Combinámos que o nosso grupo esperaria pelo outro, junto à armaria, até às 19h30. Eram 18h45. Os piratas haviam imposto um regime de recolher obrigatório, a partir das 18h30, por forma a controlarem melhor a população da cidade. Saímos, receosos, para um dos corredores principais. Não vimos ninguém. Avançámos rapidamente ao longo dele, e depois de um outro, mais largo, até desembocarmos no famoso Jardim do Luxemburgo. Detive-me um instante, emocionado. Aimée deu-me a mão:

– É lindo, não?

Manu soltou uma pequena gargalhada:

– Vocês deviam ter conhecido o original. Mas sim, é bonito. Deve ser o mais belo jardim do céu. Nunca o tinha visto assim, completamente deserto. Vamos?!

Cruzámos o jardim, correndo sobre a relva, assustando os flamingos que se equilibravam, indolentes, numa única perna. Dobrámos por um corredor estreito. Uma porta metálica travava o acesso. Aimée ajoelhou-se, tirou um pequeno aparelho elétrico do bolso e, em menos de vinte segundos, abriu a fechadura. Prosseguimos. Trinta metros adiante, Manu deteve-se diante de outra porta.

– É aqui!

– Tens a certeza? Porque não colocaram ninguém de guarda?

– Pela mesma razão que não estava ninguém de guarda no porto. Não esperam um ataque. Sorte nossa.

Aimée voltou a ajoelhar-se, repetiu a operação e entrámos. Demos com uma sala pequena, cheia de caixas. Dentro das caixas havia latas e mais latas de leite condensado. Estive tentado a meter uma ao bolso. Lá fora, nas nuvens, uma lata daquelas valia uma pequena fortuna.

– São isto as armas?! Latas? Vamos combater os piratas à latada?

Manu mostrou-me uma outra caixa:

– Não, companheiro, as armas estão aqui.

Tirou lá de dentro duas pistolas, ou dois revólveres, nunca soube ao certo

a diferença entre uma coisa e outra. Entregou-me um deles. Recusei com horror:

– Não, não. Prefiro as latas.

Aimée arrancou-lhe a pistola (ou o revólver) da mão:

– Fico eu com ele.

Manu mostrou-lhe como funcionava a arma. Esperámos, conforme o combinado, até às 19h30. Nem sinal do segundo grupo. Aimée não conseguia esconder o nervosismo:

– E agora?

Manu franziu o sobrolho:

– Esperamos mais cinco minutos.

Os piratas podiam, a qualquer momento, descobrir que o Paris estava à deriva, encontrar os cabos cortados e lançar um alerta. O atraso do segundo grupo, por outro lado, sugeria algo ainda pior. Isso deixava-nos com poucas opções. Arriscávamo-nos a ser descobertos a qualquer instante.

– Temos de avançar sozinhos – murmurou Manu. – Tomamos a ponte de comando e convidamos a população a juntar-se a nós no combate aos piratas.

– Somos só três! – protestei. – Devíamos ser pelo menos quinze, com os polícias. Não vamos conseguir.

– Se esperarmos, então sim, não conseguiremos. Sigam-me!

Ergueu-se e abriu a porta. Aimée seguiu-o, sem hesitar, de forma que fiz o mesmo. Em dez minutos estávamos junto à ponte de comando. Um sujeito minúsculo, de comprida barba ruiva, guardava a entrada. Viu-nos e levou a mão à espingarda, encostada à parede e quase tão comprida quanto ele, mas Manu foi mais rápido. Encostou-lhe a pistola (ou o revólver) contra o peito, ao mesmo tempo que levava o dedo indicador esquerdo aos lábios, intimando-o para que não gritasse. Nos filmes isto costuma resultar. A realidade, porém, tende a ser mais caprichosa do que a ficção. O homenzinho não respeitou nenhuma das instruções. Desatou aos gritos e, abrindo a porta, pulou para o interior. Manu seguiu-o, derrubando-o e caindo sobre ele. Havia seis homens na sala e quatro estavam armados com metralhadoras. Os dois restantes eram os pilotos do dirigível. Três dos piratas caíram sobre o cozinheiro, aos pontapés. O quarto ergueu a metralhadora na nossa direção. Levantei os braços. Aimée, pelo contrário,

apontou-lhes a pistola (ou revólver), e gritou, com a convicção de quem está à frente de um exército:

– Rendam-se!

O pirata olhou para Aimée, espantado, olhou para os outros, e depois avançou para nós às gargalhadas. Lembro-me dos olhos dele, azulíssimos, cruéis, e do relâmpago de espanto que os atravessou no instante do tiro. Não compreendi logo o que sucedera. Vi o homem largar a metralhadora e cair no chão agarrado ao pé direito que sangrava muito. Aimée voltou depois a arma contra os restantes piratas. Manu ergueu-se e derrubou um deles, o maior, com um soco no queixo. Um dos pilotos agarrou a metralhadora do pirata ferido e entregou-a a Manu. Assim, em poucos segundos, tomámos a ponte de comando. Prendemos os piratas com cordas e fita adesiva. Os pilotos abraçavam-se um ao outro, abraçavam-nos, sem esconder a emoção:

– Sabíamos que algo estava para acontecer – contou um deles, Michel, um jovem de vinte e poucos anos, de rosto coberto de sardas e pequenos olhos brilhantes. – Em primeiro lugar seguimos, através do radar, a aproximação de três balsas. Vimos que se fixavam sobre nós. A seguir, percebemos que o Paris fora solto. Não dissemos nada. Acreditámos que fosse um comando, francês ou americano, enviado para nos libertar.

– Pouca sorte – troçou Aimée. – Somos amadores.

Um tropel, no corredor, interrompeu-nos. Escutámos vozes. Alguém gritando ordens. O pirata que havia sido ferido no pé voltou-se para Aimée com um sorriso de vitória:

– São os nossos!

Mas não. Não eram os deles. Eram os nossos. Ouvimos Alain gritar o nome de Aimée e abrimos a porta. O rapaz entrou, acompanhado por Patrick, e vários homens, que percebi serem os polícias. Abraçámo-nos aos gritos. Michel ligou o sistema de som e anunciou à população a libertação do Paris, solicitando ainda ao apoio na captura dos piratas em fuga. Muito mais tarde, Alain e Mang contaram-nos que, para libertar os polícias, haviam tido de enfrentar um grupo de cinco piratas. O indonésio derrubou-os a todos, com uma série de golpes harmoniosos. Citando Alain: «Era como se estivesse a ler as notas de uma partitura.»

O Jardim do Luxemburgo encheu-se, minutos depois, de uma multidão eufórica. Manu lembrou-se de improvisar um palco no ponto mais alto do

jardim. Reuniu a Les Anges Jazz Band, e o grupo tocou ali, até de madrugada, misturando velhos sucessos da canção francesa com ritmos cubanos e africanos. Dancei a noite toda com Aimée. Os pais dela vieram ter comigo para me agradecer o que fizera pela filha e pela libertação do Paris. Pareciam não saber muito bem como falar com ela.

– É como se de repente eu me tivesse tornado adulta – disse-me Aimée, enquanto descansávamos um pouco, comendo um sorvete de chocolate numa esplanada improvisada, junto ao lago dos cisnes. – Eles olham para mim e já não conseguem ver a menina que eu fui. Ora me acham muito madura, ora me acham louca.

– Têm medo de ti?

– Sim. É como se tivessem medo de mim...

– Eu também tenho medo.

– Não tens nada!

– Claro que tenho. Como não ter medo de uma mulher que dispara friamente contra um pobre sujeito...

– Um pirata armado!

– Pronto, um pobre pirata armado.

– Achas que voltará a andar?

– Com certeza. Talvez com uma perna de pau. Mas isso, para um pirata, é até bom. Assegura-lhe uma certa autoridade.

Aimée riu-se:

– És pior do que eu, rapaz cruel. Desculpa, sei que és bom. És bom, apenas de uma maneira um pouco estranha.

Tirou-me o sorvete da mão e beijou-me na boca.

Décimo terceiro capítulo

*(**Epifania**: um súbito e quase milagroso sentimento de compreensão de algo. Um relâmpago íntimo e silencioso, capaz de dividir a vida de uma pessoa em duas partes – atrás a escuridão, adiante uma luz redentora.)*

PERMANECEMOS NO PARIS ATÉ ALCANÇARMOS a Estrada das Luzes e recuperarmos a ligação à Internet e, portanto, ao resto do mundo. Foram dias felizes. Não gostaria de ser um herói profissional, desses utilizados pelos governos para ornamentar palanques em dias festivos. Contudo, agradou-me o estatuto, ou o estado, de herói-de-passagem. O governo da cidade ofereceu-me a cidadania honorária e um pequeno apartamento, no nono piso. O melhor do apartamento era a varanda, com uma rede, na qual me podia estender a tomar sol. Quando saía à noite, para jantar, ou dançar, as pessoas pediam-me autógrafos. Faziam-se fotografar ao meu lado. Sentia-as trémulas, com as mãos suadas, e isso deixava-me também a mim um pouco alvoroçado.

Tentei entrar em contacto com Luanda. Sem sucesso. Ninguém me sabia dar informações da minha aldeia. Pedi para interrogar os prisioneiros. Boniface deixara ao comando do grupo um sujeito já de certa idade, mas com um rosto liso, e um ar sólido e feliz de menino gordo. Chamava-se, ou chamavam-no, Boa-Morte e nascera numa pequena cidade do nordeste do Brasil. Não escondeu a alegria por poder falar comigo em português:

– Vocês nos pegaram de surpresa! – disse-me. – Nunca imaginámos que alguém conseguisse localizar o Paris no meio de tamanho silêncio.

– E Luanda? O que aconteceu a Luanda?

Olhou-me, um tanto aturdido:

– Você é o filho d'*O Voador,* não é?

– Sim. Porquê?

– Boniface enlouqueceu.

Disse aquilo numa voz de sombras e depois calou-se. Permaneceu em silêncio, estudando-me, um longo momento. Os olhos dele desmentiam a incrível juventude do rosto.

– Boniface perdeu a cabeça – repetiu devagar. – O louco acreditava que *O Voador* o pudesse conduzir à Ilha Verde.

– Porquê?

– Você sabe porquê.

– Porque a minha família veio de lá?

– Sim, quando *O Voador* disse chamar-se Tucano e ser brasileiro, Boniface ficou excitadíssimo. Achou que era um sinal dos deuses. Imagine, ele vivia desde há vários anos apaixonado por essa lenda da Ilha Verde, e, então, de repente, surge um homem misterioso, caído do céu, que dizia chamar-se Tucano. Contava que a família viera do Pico da Neblina, o ponto mais alto do Brasil...

– E o que há de tão importante no Pico da Neblina?

Boa-Morte sacudiu a cabeça, incrédulo:

– Você não sabe mesmo?!

– Não.

– Certo. Então eu conto. Mas vocês me deixam partir. Me entregam uma balsa com alimentos e material de pesca, e me deixam partir.

– Não. Você irá ser julgado por um tribunal competente, e depois terá de cumprir a pena a que for condenado. Não posso fazer nada quanto a isso.

– Resposta errada, mano.

– O que aconteceu a Luanda?

– Não sei mesmo – suspirou. – Já falei, Boniface enlouqueceu. Eu devia ter fugido assim que ele desceu para a ilha. Pensei em fazer isso, mas não tive coragem.

Interroguei os restantes prisioneiros. A maioria eram imigrantes ilegais, muito jovens, recrutados à força por Boniface. Fiquei com pena deles. O mais novo, um chinês de dezoito anos, ao qual a mãe dera o nome de Brad Pitt, em homenagem ao famoso ator do início do século, assegurou-me que o chefe dos piratas fora à Ilha Verde procurar uma raiz.

– Uma raiz?! – irritei-me. – Que raiz vale tanto esforço?

Brad Pitt baixou a voz:

– Não é uma raiz qualquer. É um medicamento.

– Um medicamento?! Para que efeito?

– Não sei ao certo. Falam muita coisa. Alguns dizem que melhora os sonhos, ou que os torna reais. Dizem também que prolonga a vida. Sei lá, já ouvi tanta coisa.

Não consegui arrancar-lhe mais nada. Pedi para falar de novo com Boa-Morte. Este mostrou-se inflexível:

– Nada, meu mano. Só falo quando estiver livre. Não sou canário, para cantar na gaiola.

Sibongile queria retornar à Ilha Verde. Aimée também. Decidimos deixar Vera Regina no Paris, a cargo dos pais de Aimée, e voltámos a enfrentar as nuvens. Partimos, dessa vez, muito bem equipados. Levávamos provisões suficientes para dois meses e equipamento de navegação avançado, oferta generosa do governo do Paris. Patrick juntou-se a nós na Montparnasse:

– Somos a esquadrilha dos sonhadores – anunciou, eufórico. – Um bando de nefelibatas em busca de um pouco de chão.

Já não nos custou tanto deixar para trás a Estrada das Luzes. Íamos preparados para enfrentar o silêncio. Ao décimo quinto dia, de manhã muito cedo, vi erguer-se, ao longe, um enorme *cumulonimbus*. Os *cumulonimbus* foram desde sempre encarados com algum terror reverencial pela humanidade. A altura destas nuvens pode ultrapassar os dezoito mil metros. No seu interior concentra-se uma quantidade de energia capaz de exceder em dez vezes a libertada pela bomba atómica que arrasou Hiroxima. Aquele era um exemplar particularmente poderoso e elegante de um *cumulonimbus capillatus incus*. Assim, a uma distância considerável, parecia um deus indolente, gozando, no terraço, o fresco da manhã. Eu sabia, contudo, que, se não conseguíssemos afastar-nos rapidamente do seu caminho, em breve o veríamos agitar-se, colérico, trovejando, disparando raios, e então seria tarde de mais. Acordei toda a gente. Patrick não escondeu o susto:

– Felizmente foi de manhã, e tu estavas acordado. Um encontro com um desastre destes, à noite, poderia ser-nos fatal.

Não respondi. Voltei a lembrar-me da noite em que o meu pai desaparecera. Luanda deixara-se apresar por uma nuvem semelhante à que agora nos perseguia. Quando demos conta, já fortes rajadas de vento lançavam as balsas umas de encontro às outras. Veio depois uma violenta chuva de granizo e, logo a seguir, estalaram os primeiros relâmpagos. Com o rosto colado às janelas da biblioteca da Maianga, na companhia do meu primo Luan, testemunhei o pânico dos adultos, correndo ao longo das redes, num esforço desesperado para consolidar cabos e desenredar outros. Os disparos de luz congelavam as silhuetas. Algumas pessoas pareciam flutuar, como grandes aves perplexas, presas pelo arnês. Outras dançavam aos pares, rodopiavam e depois caíam de costas na rede.

– Maravilha! – murmurou Luan. – Vamos sair?

– Não podemos.

– Claro que podemos. Ninguém dará por nós.

Saímos. O ar era uma matéria viva, exaltada, que se apossava de nós e nos enchia de força. Luan abriu os braços, como se fossem asas:

– Parece uma festa!

Mas, claro, não era uma festa. Era um desastre. Um fortíssimo clarão abriu o céu e, por um rápido instante, cegou-nos a todos. Mal recuperei a vista apercebi-me de que um dos balões ardia, a cerca de duzentos metros de onde nos encontrávamos. Em poucos segundos o incêndio poderia propagar-se a toda a aldeia. Vi o meu pai correr, com um extintor na mão, libertar o cabo do arnês e saltar para o convés da balsa. O fogo crescia, inflamado pela fúria do vento. Júlio desapareceu no meio das chamas. Reapareceu, instantes depois, com uma criança ao colo. Prendeu-a com um cabo e lançou-a para os braços de outro homem, na rede. A seguir cortou, com uma faca, a amarra que prendia a balsa e saltou. Desgraçadamente, um súbito golpe de vento afastou o balão, e o meu pai mergulhou no vazio.

Sacudi da memória aquela tarde infeliz e voltei a encarar o *cumulonimbos*. Era uma nuvem belíssima. Aimée leu-me o pensamento:

– Custa a crer que a beleza possa ser tão terrível. Preferimos acreditar que o mal é sempre feio.

Não havendo possibilidade de passar por cima da nuvem (apenas os maiores dirigíveis conseguem subir tão alto) decidimos recuar. A Montparnasse, pequena, e muito veloz, adiantou-se. A Nova Esperança, todavia, não parecia ter fôlego suficiente e foi ficando para trás. Abrandei a marcha, aproximando-me dela. Perguntei pelo megafone, a Mang e a Sibongile, se não seria melhor passarem para a nossa balsa. Sibongile recusou. Aimée olhou-me, assustada:

– O que fazemos?!

– Avançamos. Temos de avançar.

O céu escurecia à nossa volta. O *cumulonimbus* transformara-se numa parede negra e convulsa. Contudo, quando parecia prestes a alcançar-nos, abrandou, mudando de direção. Minutos depois apenas sobrava dele uma chuva esparsa. Voltámos a reunir as balsas. A tempestade afastara-nos da rota. Mang e Patrick passaram para a Maianga. Ficámos a tarde inteira na cabina de pilotagem, debruçados sobre enormes mapas, fazendo e refazendo cálculos. O Pico da Neblina não deveria estar muito longe.

Patrick permaneceu acordado a noite inteira para o caso de surgir um outro *cumulonimbus*. Na escuridão, como ele insiste em repetir, é melhor confiar num cego. Na manhã seguinte estendeu-se a dormir na minha biblioteca e eu substituí-o. O céu despertara muito claro. A intervalos era possível ver o mar. Passavam poucos minutos das onze horas quando me pareceu que alguma coisa se movia, lá em baixo. As águas haviam mudado de cor. Chamei Aimée. Estudámos, com os binóculos, os diferentes tons de azul, entrecortados, aqui e ali, por largas manchas verdes. Decidi baixar a balsa. A uns cem metros, distinguimos uma série de ilhéus flutuantes, formados por algas e detritos vários. Gaivotas irromperam do nevoeiro baixo e vieram saudar-nos aos gritos. Fazia calor, mas não tanto quanto seria de esperar. Então, de súbito, vimos emergir, a bombordo, um alto e redondo cume de pedra. Aimée abraçou-se a mim, e comecei a chorar. Compreendi, naquele instante, a paixão com que os mais velhos se referem à terra.

Décimo quarto capítulo

*(**Luz**: o que fica dos sonhos depois que nos atravessam.)*

SOBREVOÁMOS O PICO DA NEBLINA. Era como um milagre furando o nevoeiro. Uma das vertentes erguia-se lisa, quase a pique. A outra, mais suave, estava coberta de verde. Árvores (árvores autênticas) galgavam por essa encosta, quase até ao cume. Nuvens de aves de variadas cores esvoaçavam, piavam, rodopiavam, por entre as densas copas. Um falcão planava, soberano e apático, com as asas refulgindo ao sol. Até nós, trazida pela brisa incandescente, chegava a respiração harmoniosa daquele mundo novo. Fui acordar Patrick.

– Sonhei com a terra. Estava de volta à terra – disse-me, sorrindo. – Era um sonho tão intenso que, inclusive, voltei a experimentar o cheiro da terra molhada. Aliás, ainda sinto esse cheiro.

Levei-o até ao convés:

– Consegues escutar?

Patrick soltou uma bela e limpa gargalhada:

– Claro, amigo. Ouço as árvores confabulando lá em baixo. Agora já acreditas na Ilha Verde?

Ouvindo-o rir pensei no povo de nefelibatas que o chinês Han-Li afirma ter visitado. Acho o riso a mais bela e universal das linguagens. Uma gargalhada iluminada parece-me, inclusive, mais bonita do que qualquer melodia.

– E agora?

– Agora procuramos um lugar para descer.

Prendemos as balsas umas às outras. Sibongile e Mang juntaram-se a nós, ambos muito nervosos. A sul-africana mal conseguia falar. Patrick, pelo contrário, mantinha um notável sangue-frio:

– Temos de ter algum cuidado ao descer. Não sabemos o que nos aguarda lá em baixo.

– Como assim?!

– Boniface e os tipos que desceram com ele podem estar escondidos, algures, na floresta, e têm armas de fogo.

– O que sugeres? – perguntei.

– Dois de nós descem até às rochas, ali, mesmo no topo do morro, onde

não há árvores. Os outros ficam à espera.

– E quem desce?

Sibongile ergueu a mão:

– Eu e Mang...

Patrick abanou a cabeça:

– Não me parece uma boa ideia. Vocês estão excessivamente nervosos. Além disso já não são jovens. Terão grandes dificuldades para resistir ao calor.

– Isso é verdade – concordou Mang. – Quando estive na ilha, há vinte e tal anos, ainda tinha bons pulmões e um coração forte, mas mesmo assim o maldito calor derrubou-me em poucas horas. Sem o auxílio de... Sem o auxílio nem sei de quem, teria morrido.

– Vou eu e o Carlos – declarou Aimée. – Cuido bem dele.

Patrick ajudou-nos a preparar uma mochila, insistindo para que levássemos água em abundância. A desidratação, segundo ele, podia ser ainda mais perigosa do que os piratas. Descemos. Eu primeiro, Aimée logo atrás. Assaltou-me, ao pisar terra, uma inquietante sensação de solidez. Assustou-me aquela obstinada matéria sob os meus pés. Porém, só compreendi isso mais tarde, bastante mais tarde, ao conversar com Aimée. Nós, os filhos do céu, vivemos a vida inteira, o tempo todo, sujeitos ao suave balanço das balsas e das redes. Os grandes dirigíveis, como o Paris, são muitíssimo mais estáveis, mas, mesmo neles, se sente uma vaga ondulação. Curiosamente, nem os meus pais nem ninguém me preparara para aquilo. Os cheiros, sim, estávamos à espera de um alvoroço de aromas inéditos, e, quanto a isso, a terra não nos desapontou. Sentámo-nos por um bom tempo nas rochas, a contemplar a floresta, tentando habituar-nos a ela e ganhar coragem para entrar. O nevoeiro parecia agarrar-se aos ramos das árvores.

– Custa mais do que mergulhar no mar – murmurou Aimée. – Tenho medo.

O suor corria-me pelo rosto. Ardiam-me os olhos e sentia o coração aos saltos. Bebi um pouco de água e levantei-me. Parecia-me agora que também as rochas balançavam. Balançavam mais do que a Maianga. Estendi a mão para Aimée, mas ela recusou a ajuda. Ergueu-se, decidida, de um ímpeto, ao mesmo tempo que tirava a pistola do cinto:

– Pelo sim, pelo não...

Não gosto de armas. Vê-la apontar a pistola para a floresta, longe de me tranquilizar, deixou-me ainda mais aflito. Sabia, contudo, que era inútil pedir-lhe para a guardar. Portanto, calei-me e segui-a. Abrimos caminho por entre o capim alto. Acariciei as folhas reluzentes, muito verdes, molhadas pelo vapor. Afundámos os pés na terra húmida.

– Eles tinham razão – soprou Aimée. – Estes cheiros todos revigoram-me. Apesar do calor, nunca me senti tão viva.

Concordei. A floresta irradiava uma força regeneradora. A luz, lá dentro, coada pelas ramagens densas, ganhava um sem-fim de tonalidades verdes. Insetos minúsculos corriam pelos troncos. Uma rã saltou, assustada, debaixo dos meus pés. Continuámos a descer. Aimée escorregou na lama, largando a pistola, e foi a deslizar até bater na raiz de uma mafumeira. Eu sabia que era uma mafumeira (*Ceiba pentandra*), a que os brasileiros chamam sumaumeira, porque, em criança, costumava folhear, na companhia do meu pai, guias de árvores e de pássaros. Júlio sabia o nome de todas as árvores, o nome científico e os diversos nomes por que eram conhecidas, em português e inglês. Ele mostrava-me as suas árvores preferidas: as mafumeiras, mulembas, acácias-rubras, goiabeiras, abacateiros e imbondeiros. A grande paixão de Júlio são as palmeiras, embora neste caso já não estejamos a falar de árvores. Palmeiras não são árvores. Pertencem à única família botânica da ordem *Arecales,* que inclui os coqueiros e as tamareiras. A mafumeira, originária da América do Sul e Central, era um símbolo sagrado da mitologia maia. Já os índios ticuna, da Amazónia, imaginavam uma sumaumeira na origem do mundo. Uma das suas lendas assegura que, no início dos tempos, só existia escuridão na terra, uma noite fria e eterna, resultado da sombra impenetrável de uma gigantesca sumaumeira. Então, algures no tempo indefinido dessa inesgotável noite, a sumaumeira tombou com estrondo, abrindo um rasgão no céu e deixando entrar a luz. Ao cair, a árvore transformou-se num rio – o grande rio Amazonas. A água e a luz deram origem aos peixes, aos pássaros, às onças, aos homens e a toda a vida conhecida e por conhecer. Os índios também chamam à sumaumeira «a escada do céu», dada a altura que consegue alcançar. Alguns exemplares chegavam a ultrapassar os setenta metros. A que se encontrava diante de nós era ainda jovem. Tinha todo o futuro para crescer. Antes do Dilúvio, a

floresta fechada, com árvores de grande porte, como as sumaumeiras, não prosperava além dos mil metros. No cume do Pico da Neblina só existia, na época, capim e magros arbustos.

Aimée ergueu-se às gargalhadas, sacudindo a lama das calças. Abraçou-se ao tronco da mafumeira:

– Obrigada, árvore.

Juntei-me a ela. Ficámos ali em silêncio, escutando os minúsculos e misteriosos sons da vida à nossa volta. Na terra, sentia-me analfabeto. No céu, eu sabia ler as nuvens e, embora não tivesse o ouvido tão educado quanto o de Patrick, aprendera a distinguir as diferentes vozes do vento. Ao fim de algum tempo, em silêncio, comecei a escutar o que me pareceu um assobio.

– Ouves isto? – perguntei a Aimée. – Que pássaro assobia assim?

– Os Beatles?! Queres saber que pássaro assobia o «Yesterday», dos Beatles?!

Aimée tinha razão. Alguém (ou alguma coisa) vinha subindo, na nossa direção, assobiando o «Yesterday». Lembrei-me do que me contara o meu pai sobre a origem da famosa canção dos Beatles. Paul McCartney acordou numa manhã de maio, em 1965, com uma resplandecente melodia na cabeça. A melodia soava-lhe tão óbvia, tão natural, que Paul acreditou tê-la escutado algures – provavelmente, mais do que uma vez. Passou os dias seguintes a assobiá-la para os amigos, à espera de que algum se recordasse dela e lhe indicasse o nome do compositor. Escutando-a ali, sob a verde penumbra de uma floresta secreta, não me espantou que tivesse emergido de um sonho.

Foi então que vimos surgir o assobiador. Levei alguns segundos a reconhecê-lo, tão magro e desvalido estava, em tronco nu e descalço, as calças em farrapos.

– É o Boniface?! – soprou Aimée ao meu ouvido. – É ele, não é?

Passou por nós sem nos ver, ou como se não nos visse. Debruçou-se e apanhou a pistola que Aimée deixara cair. Rodou-a entre as mãos, cheirou-a, bateu com ela contra as raízes da mafumeira. A seguir, como se só então lhe ocorresse a serventia do objeto, segurou-a firmemente, na posição correta, e apontou-a na nossa direção. Riu-se. As suas gargalhadas estalavam na penumbra verde da floresta. Ergui os braços:

– Calma! Calma! Baixe a arma...

Boniface fixou em nós uns olhos assombrados:

– O meu silêncio era mais belo do que o deles – sussurrou. – Mas talvez não fosse suficientemente belo.

Ergueu o braço e lançou a pistola para longe. A arma desapareceu entre as ramagens. Não a escutei cair. O pirata sentou-se nas raízes da mafumeira, tapou o rosto com as mãos e começou a chorar. Os soluços sacudiam-lhe o peito magro:

– A vida inteira só a amei a ela. Maldita feiticeira...

Aimée voltou-se para mim, os olhos muito abertos, muda de espanto. Não soube o que retorquir. Peguei-lhe na mão direita e arranquei-a dali. Só parei quando deixei de ouvir os soluços de Boniface.

– O tipo está mesmo doido...

– *Nom de Dieu!* Toda a gente diz o mesmo. Desde que ouvi pela primeira vez falar nele, alguém repete isso. Está louco, está louco, mas está louco porquê?

– Bem, a mim parece-me louco. Louco como um louco.

– A mim, parece-me apaixonado.

– Apaixonado?

– Não compreendes? Ele está apaixonado pela Sibongile. Está apaixonado por ela há muitos anos.

– Como sabes?

– Porque sou mulher.

– Seja como for, a questão é outra...

– Como é que ele está vivo?

– Exato. Como é que ao fim destes dias todos o velho ainda está vivo. O calor devia tê-lo matado.

– Tens razão. E se ele está vivo e a passear-se pela floresta, então os amigos dele podem também andar por aqui. Acho melhor regressarmos.

Concordei. Começámos a galgar a encosta, agarrando-nos aos troncos e às raízes, e tentando não escorregar na lama. Finalmente, exaustos, sujos e suados, alcançámos de novo as rochas nuas. Um rapaz estava sentado no último penedo, olhando para o alto. Lá em cima, contudo, só havia nuvens. Uma névoa triste e idêntica, que cobria todo o horizonte. Aimée agarrou-me a mão com força.

– Mais surpresas?

Sacudi a cabeça, incrédulo. O facto de não vermos as balsas talvez fosse uma má surpresa. A outra era excelente. Soltei a mão de Aimée e corri:

– Luan!

Luan ergueu-se de um salto. Abriu os braços para me receber:

– Carlos! O teu pai disse-nos que virias. Fizeram-se apostas. Ele sempre achou que tu conseguirias encontrar o caminho para a ilha.

Abraçámo-nos. Aimée aproximou-se, intrigada:

– Podes explicar-me o que está a acontecer?

Puxei-a para nós:

– Este é o Luan. O meu primo.

– Certo, e o que faz ele aqui? E onde estão as nossas balsas?

– Calma – pediu Luan. – Uma pergunta de cada vez. A Maianga deve estar flutuando acima do nevoeiro. Estava lá no céu quando cheguei. É uma bela balsa. O tio Júlio estava inspirado quando a desenhou. Mas vocês parecem cansados. Este calor mata, não?

– Tu, pelo contrário, não pareces nada cansado – retorqui, pasmado. – Tens a pele fresca, como quem acabou de sair de uma sala com ar condicionado.

Luan riu-se do meu espanto:

– É uma longa história. Querem ouvir?

Décimo quinto capítulo

*(**Liberdade**: condição de um ser não sujeito ao constrangimento de limites físicos ou de pensamento. A possibilidade de correr sem tropeçar em muros ou paredes, ou sem cair no vazio. O capim crescendo para o céu. O destino de todos os perfumes, em particular do cheiro da terra molhada.)*

LUAN TRAZIA UMA MOCHILA DE COURO A TIRACOLO . Retirou do interior da mochila uma pequena caixa de madeira. Abriu-a, num gesto teatral, como um mágico dos tempos antigos, e deu-nos a ver quatro bolinhas, rugosas como pedras, de um vermelho intenso e luminoso.

– Tirem uma. Comam.

– O que é isso?

– Faz o que te digo.

Estendeu a caixa a Aimée. Ao contrário de mim, ela não hesitou. Agarrou numa das bolinhas e colocou-a na boca:

– Humm, gostei. Meio ácida, meio doce.

Imitei-a. A textura lembrava a do gengibre. O sabor, acre e doce, com um leve travo a terra, não tinha paralelo com nada do que eu provara até então. Deixava na boca um rasto de luz.

– Vais dizer-nos o que é isto?

Luan sorriu. Sempre invejei o sorriso dele. Na pior refrega basta-lhe sorrir – sorrir daquela forma – para desarmar os oponentes.

– Após o regresso do teu pai a Luanda começaram a acontecer coisas – contou. – Coisas estranhas e velozes.

Assim que regressou a Luanda, Júlio reuniu-se com os responsáveis da aldeia. Contou o que se passara com ele, depois que caíra numa das redes de proteção do Paris, embora, por essa altura, ainda se sentisse muito confuso e de pouco se lembrasse. Luanda enviou uma mensagem ao governo francês, acusando Boniface de sequestro de um dos seus cidadãos e pedindo uma satisfação. Antes de receberem qualquer resposta, porém, chegou a notícia de que os piratas haviam tomado o Paris. Foi um enorme choque.

Júlio, pessoa habitualmente calma e aberta, não conseguia conter a inquietação. Passava muito tempo na biblioteca central, estudando velhos papéis, ou fechava-se com dois ou três amigos na biblioteca da Mutamba, a balsa do meu tio Ismael, para onde se mudara, juntamente com a minha mãe. Uma noite, ao entrar na sala de jantar, Luan surpreendeu uma conversa entre os dois casais.

– Não são sonhos – afirmava o meu pai. – Sei que não são sonhos. São

recordações. Pouco a pouco, me vou recordando de tudo. Eles me davam alguma coisa para beber. Um chá. Aquilo me provocava uma soneira. Nesse estado, meio dormindo, me faziam perguntas. Sempre as mesmas perguntas. Queriam saber se era verdade, como constava no meu passaporte, que eu nascera na amazónia brasileira, e porque me chamava Tucano. Expliquei-lhes que era o nome de uma tribo de índios da região onde nasci. Havia esse costume de as pessoas tomarem o nome da sua tribo. Boniface conhecia os Tucanos. Não sei como. Parecia saber mais sobre os Tucanos do que eu próprio. Meu pai era tucano. Meu avô foi pajé. Boniface me perguntou por uma raiz chamada itapiranga. Esse nome me recorda alguma coisa. Contudo não sei o que seja. Talvez algum brasileiro me possa ajudar.

Uma tarde viram aproximar-se um balão pequeno, pintado de branco, azul e vermelho. Ismael foi buscar os binóculos e leu alto o nome: La Rochelle.

O meu pai assustou-se:

– Uma balsa francesa?!

A balsa pediu autorização para atracar. O capitão explicou que fugira do Paris e necessitava de água e mantimentos. A população começou a juntar-se ao redor da torre de atracagem, para assistir ao desembarque dos franceses e escutar, em primeira mão, notícias da Cidade-Luz. Júlio, contudo, desconfiou da intenção dos visitantes. Eram três homens. Um deles pareceu-lhe familiar.

Enquanto os refugiados se reuniam com o governador de Luanda e outros notáveis da aldeia, Júlio e Ismael subiram furtivamente pela escada de corda que dava para a La Rochelle. Arrombaram a porta da cabina de comando e, numa vistoria rápida, confirmaram as suspeitas de Júlio. Encontraram uma metralhadora, duas pistolas e diversas fotografias do meu pai. Juntaram tudo aquilo, e dirigiram-se ao jango, interrompendo a reunião. Os três homens foram logo presos. Um deles, um colombiano barbudo, chamado Mallo, aceitou falar, na condição de que o deixassem partir na La Rochelle, não de volta ao Paris, porque Boniface nunca o perdoaria, talvez até o mandasse matar, mas para recomeçar uma vida nova no vasto céu. Vinham, confessou, com a missão de sequestrar *O Voador*. Boniface parecia acreditar que *O Voador* o poderia conduzir até uma ilha verde, um local conhecido antes do Dilúvio por Pico da Neblina, no qual, segundo a lenda, persistiria uma população indígena. Estes índios, os Tucanos, cultivariam uma raiz, um

tubérculo, ou uma fruta, capaz de abrandar o ritmo cardíaco, desacelerando todo o metabolismo. O consumo regular de tal raiz permitiria resistir indefinidamente, e sem grande desconforto, às altas temperaturas.

– Um momento, um momento! – Aimée interrompeu-o, atordoada. – Aquilo que nos ofereceste a provar, aquelas raízes...

– São frutos...

– Ou isso...

– Não te sentes melhor?

Aimée riu-se. Ri-me com ela. Talvez fosse ilusão, talvez fosse apenas porque uma leve brisa ascendia da floresta, refrescando-nos a pele, mas a verdade é que me sentia, de repente, muitíssimo melhor. Respirava sem esforço. Era como se estivesse lá em cima, estendido numa rede, a ler um livro, no convés da Maianga, ou, ainda mais alto, na varanda do meu pequeno apartamento, no Paris.

– Que coisa incrível – suspirou Aimée. – E o que aconteceu a seguir? Como é que tu vieste aqui parar?

Luan retomou a sua história. Contou como, receosos de uma nova investida dos homens de Boniface, dessa vez com meios mais poderosos, a população de Luanda optara por cortar todas as comunicações com o exterior. A aldeia desapareceu dos mapas. Nos dias seguintes, Júlio foi ficando cada vez mais inquieto. Por um lado, estava preocupado comigo. Por outro, começara a acreditar na lenda da Ilha Verde. Tomou então a decisão de partir na La Rochelle. Mallo aceitou acompanhá-lo na condição de que, caso não me encontrassem, nem à ilha, no prazo de dois meses, retornariam a Luanda, e, de lá, após Júlio desembarcar, poderia prosseguir viagem. Encontrando a ilha, poderia também partir, se assim o desejasse. Luan pediu para os acompanhar. Argumentou que o pirata, ou ex-pirata, era bem capaz de aproveitar um momento de distração de Júlio (por exemplo, enquanto este dormia) para o neutralizar, entregando-o depois, conforme o plano original, nas mãos de Boniface, no Paris. Era um argumento tão forte que o meu pai se deixou convencer.

Foi assim que os três se fizeram ao céu. Dispunham de bons mapas, dos tempos antigos, levados de empréstimo dos arquivos de Luanda, mas o sistema de navegação da balsa era bastante rudimentar. Júlio não desanimou. Deixou-se guiar pela intuição. Ri-me. Deixar-se guiar pela intuição é algo

que o meu pai faz muitíssimo bem. Hoje, olhando para trás, percebo que sempre partilhou esse obscuro talento com Sibongile. «Quem tem um coração nunca se perde», costuma repetir. «Só o coração é capaz de encontrar o que a razão perdeu.» Acredito que terá herdado tal habilidade do meu avô, o velho Lucas, pajé dos Tucanos. Talvez eu próprio a possua, escondida, ou atrofiada, e precise apenas de a exercitar.

Guiado pelo coração, Júlio contornou tempestades, e iludiu as correntezas do céu. A determinada altura, avistaram, muito ao longe, a silhueta dourada do Paris. O imenso dirigível convergia, é claro, para o mesmo destino, embora com a lentidão e a errância de um mastodonte cego. A La Rochelle, pelo contrário, seguia, determinada e firme, em linha reta. Em poucos dias, acharam a ilha. O meu pai preparou duas mochilas, enchendo-as de cantis com água, pacotes de peixe seco e meia dúzia de instrumentos de sobrevivência, como canivetes e fósforos, e desceu, seguido de Luan. Assim que se viu sozinho, o pirata, ou ex-pirata, ergueu âncora e desapareceu.

– Não compreendo – protestei. – Porque o deixaram sozinho?

– O teu pai estava ansioso por descer, pois o Paris podia chegar a qualquer instante. Não me queria deixar sozinho com o Mallo. Além disso nunca duvidou de que tu virias.

Era uma manhã de céu sereno e transparente, dois de fevereiro. O sol brilhava sobre as rochas. Júlio soltou o cabo, ajoelhou-se e beijou as rochas. Luan não sabia o que fazer. Ficaram os dois ali, como nós depois deles, mudos de espanto. A floresta parecia avançar, cercando-os, vinda da bruma. Então, um canto irrompeu a toda a volta, muito suavemente, como no interior de um sonho o rumor de um rio. Pouco a pouco afirmou-se e veio subindo. Júlio sacudiu a cabeça, incrédulo:

– Eu conheço isto – murmurou. – Conheço esta canção.

Luan apurou o ouvido. Conseguiu distinguir algumas palavras, frases soltas:

... águas...

... no fundo do mar...

... como se saúda a Rainha do Mar?...

Quem quer que estivesse ali, para além das espessas ramadas, cantava em português. Júlio ergueu-se, batendo palmas ao ritmo da música, e começou a dançar, ao mesmo tempo que juntava a sua voz ao coro que crescia. Luan viu que surgiam figuras humanas na orla da floresta. Era difícil distingui-las da folhagem em redor, pois traziam o corpo pintado de vários tons de verde e moviam-se como se movem as árvores tocadas pela brisa.

– O meu pai não dança – contestei, incrédulo. – Nunca o vi dançar. Não sabe dançar.

Luan riu-se:

– E no entanto dançou. Deve ter dançado bem, deve ter cantado ainda melhor, porque em pouco tempo toda aquela gente nos rodeava, oferecendo-nos frutas, frutas incríveis, que eu nunca vira antes, e água fresca. Entre os frutos que eu nunca vira antes estavam esses que vocês comeram há pouco.

– E depois?

– Levaram-nos para a floresta. Eles vivem em grandes casas redondas, feitas de bambu, numa aldeia entalada entre dois enormes penedos. Um rio corre ali perto. Nessa noite dormimos lá. Na manhã seguinte, acordámos com os tiros. Os piratas tinham entrado na aldeia.

Luan foi arrastado para a floresta por três rapazes. Ainda viu Boniface, à frente de um grupo de piratas, todos eles dobrados pelo peso do calor e do cansaço, gritando e disparando para o ar. Os rapazes moviam-se através da floresta com a desenvoltura de aves no céu. Riam-se diante da inépcia do meu primo que tropeçava a cada passo nas raízes expostas ou se arranhava ao tentar segurar-se a um tronco coberto de espinhos. Um dos rapazes, chamado Marco, ofereceu-lhe um dos frutos vermelhos:

– Você vai se sentir melhor.

Horas mais tarde encontraram um outro grupo. Logo a seguir outro, e depois outro. Júlio não estava em nenhum deles. Um velho alto, de rosto anguloso, que parecia ter sido cinzelado em madeira por um escultor apressado, tranquilizou Luan:

– Seu tio está seguro. Todo o mundo fugiu. Ninguém ficou ferido. Só temos de esperar um dia ou dois...

– Esperar o quê?

– Esperar que a floresta os coma...

Luan olhou-o, horrorizado:

– O quê?!

– A floresta devora o mal. A natureza erra, mas, cedo ou tarde, sempre se liberta do erro.

O meu primo levou algum tempo a compreender a observação do velho. Escondidos entre as árvores viram os piratas virar e revirar a aldeia, impacientes, à procura dos tubérculos vermelhos. Mal o sol começou a declinar chegaram os mosquitos. Uma mulher esfregou o corpo de Luan com um óleo macio, cujo perfume, levemente ácido, mantém os insetos à distância. Boniface e os seus homens, porém, não estavam preparados para mais aquele infortúnio. Giravam, exaustos, davam grandes palmadas no próprio corpo, tentando escapar às ávidas nuvens cinzentas que lhes caíam em cima. Por fim despiram-se, maldizendo a ilha e as suas armadilhas, e lançaram-se às águas do rio:

– Péssima ideia – comentou Marco. – O rio, naquele troço, tá cheio de jacarés.

Minutos depois, um dos piratas saltava para a margem, aos gritos, coxeando, sangrando muito do pé direito. Os outros correram também para terra. Boniface, começou a cobrir o corpo com lama, para aplacar as ferroadas, no que foi imitado pelos restantes. O homem ferido caiu, chorando e lamentando-se, sem que os companheiros se incomodassem com ele. Pareciam seres de um outro planeta, e, de certa forma, eram. Vultos escuros rodopiando no charco da noite.

Quando amanheceu, todos os piratas jaziam de borco.

– Naquele estado – continuou Luan –, assim imóveis e cobertos de lama, era como se fizessem parte do chão. Ou melhor, era como se a terra estivesse a engoli-los.

– Temos de os ajudar! – pediu Luan. – Aqueles homens vão morrer.

O velho encolheu os ombros:

– Não são homens bons.

– Bons ou maus, não os podemos deixar morrer.

– Podemos sim. Claro que podemos. Mas não se preocupe que a decisão não será sua. Jerónimo decidirá.

Um sujeito minúsculo, de pele muito negra e reluzente, vestido apenas com uma velha bermuda amarela, irrompeu da floresta, aos saltos, como um esquilo. Aproximou-se do terreiro, no qual estavam estendidos os dez

piratas, e ficou um momento a observá-los. Voltou-se para trás, ergueu o braço direito, e logo surgiu um outro homem. Era Júlio. O velho riu-se. Mostrou-o a Luan:

– Veja! Seu tio está com Jerónimo.

Os dois homens ajoelharam-se junto a Boniface. Júlio tirou um cantil da mochila e, erguendo a cabeça do chefe dos piratas, deu-lhe a beber um bom trago. A seguir Jerónimo tirou uma das milagrosas bolinhas vermelhas do bolso da bermuda e enfiou-a na boca de Boniface. Fizeram o mesmo com os outros piratas. O que fora mordido por um jacaré, porém, não deu sinais de vida. Júlio soltou-o, num gesto de desânimo. Aquele, já a floresta comera.

– E os outros piratas? – perguntei. – O que fizeram com eles?

– Nada. Jerónimo deixou-os soltos. Limitou-se a destruir as armas. Boniface e mais dois fugiram para a floresta. Os outros seis continuam lá, na aldeia. Ajudam nas lavras. O teu pai acha que talvez se integrem. Só depende deles. Seja como for, nunca mais poderão regressar ao céu. Esta gente não confia neles.

– É natural. Tu confias?

– Não. Não confio. Mas concordo com o teu pai. Temos de lhes dar uma oportunidade.

– Nós vimos Boniface – contou Aimée. – Não parecia muito bem.

– Acho improvável que esses três consigam sobreviver, sozinhos, na floresta. Ou voltam à aldeia ou morrem todos. – Luan disse isto e pôs-se de pé num salto. – Agora vocês já sabem tudo. Vamos!

– Ainda não sabemos tudo – contestei. – Por exemplo, o que fazias aqui? Estavas à nossa espera?

– Sim. Vimos chegar a vossa pequena frota. Júlio calculou que fossem saltar aqui e mandou-me à frente.

– Sozinho?

– Não. Sozinho perdia-me em dois minutos. Vim com dois amigos, mas eles ficaram à espera, na floresta. Não gostam de espaços tão abertos. Acho que têm medo de que o céu lhes caia na cabeça. Agora vamos.

Descemos com ele. Dois rapazes esperavam por nós estendidos numa rede, presa aos troncos de duas árvores. Reconheci facilmente uma delas, um pau-mulato *(Calycophyllum spruceanum),* devido ao tronco, muito direito, liso e brilhante, e de uma espantosa cor de cobre. Não fui capaz de

identificar a segunda árvore. Lamentei não ter trazido um bom guia de árvores tropicais.

Luan apresentou-nos aos rapazes:

– Este é Marco, de quem já vos falei. E este é Óscar.

Marco e Óscar cumprimentaram-nos com um tímido aperto de mão. Enrolaram a rede e guardaram-na num belo cesto de vime trançado. A seguir mergulharam na bruma, e nós fomos atrás. Era como respirar o ar de uma outra boca. Suponho que seguimos uma trilha, mas para mim, para Aimée, para Luan, aquilo assemelhava-se a um labirinto verde, infinito e idêntico. Nunca pensei que pudessem existir tantos tons de verde. Até àquele dia o mundo, para mim, estava pintado de azul e branco, e de todas as misturas entre o azul e o branco. Caminhámos mais de duas horas. Por fim, detivemo-nos numa minúscula clareira, para repousar, beber água e contemplar o céu. Quis saber se ainda faltava muito. Marco apontou para ocidente.

– Está perto.

Luan riu-se:

– Para eles, tudo está perto. Isto é um pequeno passeio.

Descalcei-me. Doíam-me os pés. Aimée queixou-se do mesmo. Marco debruçou-se sobre mim:

– É bonito, o céu?

– Sim, o céu é bonito.

– Mais bonito do que a terra?

Não respondi logo. Pensei um momento:

– Há coisas que só começo a compreender agora. Por exemplo, que o céu é mais bonito havendo o mar e havendo terra. Que uma terra sem céu também não seria bonita.

Aimée interveio, curiosa:

– Estão a falar de quê, nessa vossa língua misteriosa?!

Debatíamos, expliquei-lhe, a beleza do céu e da terra. O que pensava ela? Aimée lembrou o que repetiam os velhos. Na terra, diziam eles, não havia paredes. Contudo, ali, naquela floresta, tudo eram paredes. Caminhando entre as árvores imensas, que mal deixavam passar a luz do sol; sobre o chão húmido e poroso, coberto de folhas, ela sentia-se, como o profeta Jonas, a ser engolida por uma baleia.

– Ui, que imagem terrível! Não pareces muito entusiasmada...

Ao contrário, protestou Aimée. A terra, ao menos ali, não se assemelhava ao que imaginara. Era muito mais bonita, de uma forma insólita, imprevisível e não domesticável:

– E se estamos a falar de beleza, acho que esta é a verdadeira beleza. A verdadeira beleza não se deixa subjugar.

– Como o céu?

– Sim. Como o céu.

Colocámos as mochilas às costas e mergulhámos de novo no denso arvoredo (no ventre da baleia). Caminhámos mais três horas. Então, de repente, a floresta abriu-se, como se abre um livro, e vimos, diante de nós, as duas grandes pedras de que Luan nos falara. Escutei, pela primeira vez, o som macio da água correndo entre a folhagem – sim, era um rio!

Até então eu vira a água em muitas outras formas. Vira-a desenhando nuvens. Vira-a cair do céu, em rajadas bruscas, e, por vezes, transformada em duras pedras de gelo. Vira-a, lá muito em baixo, brilhando entre as nuvens. Contudo, nunca a vira assim, uma corrente escura, saltando sobre o verde e sobre as rochas.

Nesse momento alguém gritou o meu nome. Era o meu pai. Estava ocupado a desenhar alguma coisa, com uma comprida vara, na areia do terreiro. Diante dele encontrava-se um homem minúsculo que logo adivinhei ser Jerónimo. Havia ainda três outros sujeitos e duas mulheres. Júlio largou a vara e correu para mim de braços abertos:

– Carlos! Sabia que virias...

– Pai, devias ter-me acompanhado.

– Lamento. Na altura não acreditei na história da Ilha Verde. Pensei que te faria bem a experiência, por isso te deixei partir...

– Fez-me bem.

Abraçámo-nos. Mais tarde mostrou-me a aldeia. As pessoas que ali vivem vieram de diferentes pontos do Brasil. Há vários estrangeiros, entre os quais uma dúzia de filhos do céu. Alguns chegaram ali por acaso. Outros, após muito procurarem, depois de também eles terem escutado a lenda da Ilha Verde. Não é um mundo perfeito. Em todos os paraísos há serpentes. Ou, como diz o meu pai, cada homem é o seu próprio paraíso e o seu próprio inferno.

Não encontrámos na ilha nenhum familiar, ainda que remoto. Jerónimo

afirma lembrar-se do velho Lucas, meu bisavô, pajé dos Tucanos. A família mudou-se para São Paulo anos antes do Dilúvio.

Na República da Neblina – é assim que os respetivos habitantes chamam à ilha – encontrei, como no céu, pessoas infetadas pela inveja, pelo ciúme, pelo rancor, e por tantas outras doenças que, desde sempre, afligem a humanidade. Contudo, encontrei também corações generosos e uma vontade coletiva de corrigir os erros do passado.

Sibongile e Mang ficaram lá. Jerónimo reconheceu Mang assim que o viu:

– Este chegou aqui há muitos anos, em péssimo estado. Devolvemo-lo ao céu. Uma vez que voltou, pode ficar. Gosto de pessoas teimosas.

Termino de escrever este relato, sentado a uma mesa, na varanda do meu pequeno apartamento, no Paris. Tenciono entregá-lo, amanhã, ao governo da cidade. Escrevi-o a pedido de Jerónimo e dos habitantes da República da Neblina.

Conscientes de que não poderão continuar a esconder-se, os cidadãos da República da Neblina requerem a proteção das grandes nações, de forma a preservar o pouco que subsiste das grandes florestas. Aceitam receber grupos restritos de visitantes, na condição de que estes respeitem as leis do território e não perturbem a frágil ecologia da ilha.

Aimée, sentada diante de mim, estuda velhos mapas da terra. Há pouco mostrou-me o Aconcágua, o ponto mais elevado das Américas, de todo o hemisfério sul e o mais alto fora da Ásia. Aconcágua, em língua aimara, significa algo como «sentinela branca». Aimée quer procurar o Aconcágua.

Porque não?

O melhor da viagem é o sonho.

Utrecht, 28 de abril de 2013

FIM